

Quero te olhar

O menino
pede ao mar:
- Quero te olhar.

O mar,
não parou para ser olhado.
E o menino saiu todo molhado.

Cintya Kasuê Sakamoto
2ª Série A

Este poema nasceu na “Roda da Poesia”, realizada semanalmente. Os alunos leram e ouviram trabalhos de autores clássicos como Cecília Meirelles, Vinícios de Moraes e José Paes e depois, motivados pela leitura, escreveram seus próprios poemas.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Série Iniciais
Ensino Fundamental
1997

Ocaso?!

No distante passado,
todos, um dia, se iam.
Ia-se por prazer, por
superstição, por destino,
por acaso, por amor
por amar.
E outros vinham.
Então, ia-se por vingança,
por inveja, por cobiça,
por honra, por um
pedaço de qualquer coisa.
Naquele tempo, tudo que
ia, ia mais ou menos...,
causava prejuízos pequenos.
Muitos outros vinham.
Então, ia-se por preconceito,
por exploração, por ganância,
por superioridade, por desigualdade,
por não ter amor, por não amar.
Milhares vinham.

Então, ia-se por causa.
Por causa do progresso,
de descobertas, de ciências,
dos testes, dos avanços...
A toda hora, a todo momento,
a todo segundo, se vinha.
Então, passou-se a se ir
por tecnologia.
Hoje, se tenta controlar
as vindas, mas as idas...
protegidas pelo avanço tecnológico...
são produzidas em grande escala.
Com idas e vindas,
temos os pés massacrados,
por inúmeras guerras,
por incontáveis conflitos,
pelo capitalismo, pela geopolítica,
pela tão desejada hegemonia,
pelo homem
(que não sabe amar?)

Susana Medeiros Vieira
2ª Série B

Atividade da disciplina de Geografia, sobre os conflitos da Guerra Fria.

Ensino Médio
2001

Já	Sofia	Lê
Acorda	O amor	As
Cedo	Foi	Revistas
Inventando	Inventado para	Inventando
Novas coisas	Amar.	Sai
Encantadas!		Sabendo
		As palavras

Lá no Aplicação, às vezes, apronto	Faço coisas
Um dia não vou aprontar	Estranhas, quebro e fico
Amanhã não posso ser folgado	Raivoso, mas continuo construindo
Nunca escapo de apanhar	Novos brinquedos tipo
	Anjo
	Navio
	Dado
	Ônibus

Texto coletivo
1ª Série C

Você já pensou que muitas palavras podem estar escondidas em seu nome? Os alunos da 1ªC descobriram que elaborando ACRÓSTICOS, pode ser escrito um poema para homenagear alguém. Com isso, coletivamente, escolheram nomes, e a partir de cada letra de cada nome, formaram versos.

Jacine Gomes Miranda
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

A grande notícia

Eu estava em minha casa, em uma tarde chuvosa e fria, assistindo televisão. Estava na melhor parte do filme, a mais emocionante, quando o telefone toca. A vontade de não atender foi grande, mas fui.

Minha avó estava do outro lado da linha e pela sua voz, parecia meio nervosa.

- Corra até aqui! Aconteceu uma coisa! Venha rápido!

Queria perguntar o que tinha acontecido, mas ela já tinha desligado o telefone. Pensei logo em alguma desgraça, um assalto. Fiquei parada, pensando o que teria acontecido. Meu pai veio saber o que era e então expliquei tudo a ele.

Como eu, meu pai parou. Ele estava branco! Não deu nem tempo da trocar de roupa. Fomos como estávamos mesmo. Eu estava com uma calça jeans que não era das melhores, uma blusa verde e um casaco rosa. Horrível!

Logo em seguida, nós dois pegamos o carro e fomos até a casa da minha avó.

No caminho, o carro parava em todas as sinaleiras, o trânsito estava péssimo. Tinha muitos carros e várias pessoas. Carros estragados, tudo para dificultar a ida até lá.

Ainda havia um acidente. Uma moto tinha atropelado um pedestre. O motoqueiro estava bem. O pedestre, estava caído no chão, tinha vários arranhões, reclamando de dores na coluna. Suas roupas estavam todas sujas e rasgadas, mas passava bem.

Enfim, depois de quase meia hora, chegamos lá. Meus avós saíram de dentro de casa correndo e gritando:

- Nasceu! Nasceu! Nasceu!

Era a cadela, que minha vó considera como filha. Mas como ela já é velha, corria risco de vida.

- Felizmente os filhotes nasceram bem e a mãe está ótima!

Estavam os seis filhotes, quando cheguei lá, mamando. Eles tinham entre trinta e quarenta centímetros, eram bem magrinhos, apareciam até as costelas. Os pêlos eram ralinhos, com algumas manchinhas. As orelhas baixas e ainda não tinham aberto os olhos.

Minha avó já decidiu: vai ficar com três deles e quando os outros três completarem dois meses, irá vendê-los. É muito cachorro para uma casa só!

Tatiana Medeiros Barbosa
8ª Série C

A vingança da sombrinha

Lá estava eu, no centro da cidade, um monte de gente indo pra lá e pra cá. E eu ali, caminhando naquele dia de um céu azul, com um sol que ardia em minha cabeça e uma ridícula sombrinha na mão. Que idéia ridícula da minha mãe que de manhã cedo havia me dito:

- Leva a sombrinha que vai chover!

Mais ridícula fui eu de ter levado a sombrinha, considerando que o céu estava quase todo azul, apenas uma nuvem cinza escondida lá no cantinho.

- E agora o que fazer? Eu até pensei em jogar aquela porcaria no lixo, mas o que eu ia dizer para minha mãe?

E o pior é que aquela não era uma sombrinha qualquer. Era enorme, cor de rosa choque, com umas flores vermelhas horríveis. E todos pareciam me olhar como se fosse uma alienígena verde que caiu no meio da rua. Achei um banco, me sentei, recomecei a imaginar coisas e pensar na situação em que eu me encontrava. Pensei que aquela moda de mulheres usarem sombrinhas para se proteger do sol poderia voltar, assim eu não passaria por aquilo de novo. Mas não tinha jeito...E eu ainda ia passar o dia todo com aquela sombrinha ridícula.

Continuei andando sem prestar atenção no olhar das pessoas, mais eis que um engraçadinho resolve abrir a boca:

- Tá uma chuva...

Que ódio! Eu já estava quase desistindo das minhas compras, quando lembrei que meu tio morava ali perto do centro. Não pensei duas vezes, fui até a casa dele e deixei a sombrinha. Agora eu poderia fazer minhas compras em paz.

Que alívio que eu senti longe daquela coisa rosa choque. Mas meu alívio durou pouco. Dali a umas duas horas veio a vingança da sombrinha. O céu se fechou de repente e desabou uma chuvarada. Entrei em uma lojinha cheia de gente para fugir da chuva. Fiquei ali olhando para os vendedores com um sorriso amarelo, olhando pra chuva pensando em como queria aquela linda sombrinha rosa choque!

Táise Andrade dos Santos

8ª Série B

Elaboração de uma narração alusiva a um fato especial, importante, curioso, engraçado ou mesmo alguma banalidade observada.

Solicitou-se que o mesmo fosse enriquecido pela introdução de trechos descritivos de personagens, objetos ou locais, pois narração e descrição sempre aparecem juntas, pondo em jogo os mesmos recursos de linguagem e não narramos sem lançar mão dos aspectos descritivos.

Tânia Mara Cassel Trott
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental

2001

Poema

Manuela tem uma mochila da Cinderela.
E usa com uma saia amarela
Manoela guarda dentro dela: lápis, caneta, borracha, aquarela.
E também um pão com mortadela.
O que será mais que Manoela guarda dentro de sua mochila da Cinderela?

Manoela Cristina Mafra
4ª Série B

A mochila de Izabela

A mochila de Izabela tem papel,
tem papelada.
Se olhar lá no fundo
tem até marmelada.

Na mochila de Izabela
tem bilheteinho,
tem bilhete de Marcinho.

Também tem caneta, e canetinha,
tem pincel da cor do céu,
e borracha, borrachinha,
da cor da florzinha.

Que cor é a mochila de Izabela?
- Ora! A mochila de Izabela
é da cor amarela.

Izabela de Andrade Ramos
4ª Série B

Depois de lerem, comentarem e ilustrarem o poema "A mochila de Mirela", de Gláucia Lemos, as crianças foram solicitadas a criar um texto sobre suas próprias mochilas.

Andréa Lúcia Paiva Padrão
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

O amor pelo Brasil

Um casal de abelhas morava no Brasil. Como o casal era alemão, teria que sair do país, mas eles não queriam de jeito algum, porque eles amavam o Brasil.

Um dia eles conseguiram ter uma abelhinha no Brasil.

De tanto amor que o casal tinha pelo país a abelhinha nasceu verde, amarela e azul.

Fábio José de Souza
6ª Série A

Dragonlizard

Dragonlizard é uma espécie muito rara de animal. Ele vive em algumas ilhas do planeta. Quando se sente ameaçado ele se incendeia completamente parecendo um pequeno dragão de fogo, um fogo que não queima. Para capturar suas presas ele usa ilusões. Os ossos nas costas servem para atacá-las. Ele faz como o tatu bola, e sai rolando para que a presa se machuque em seus ossos. Quando ele não está atacando, esses ossos desaparecem.

Agora vou contar o que aconteceu quando foram descobertos. Pessoas começaram a caçá-los para vender, pois são muito raros. Depois de um tempo perceberam que estavam causando sérios problemas ecológicos, um grande desequilíbrio. Mas não pararam de caçar, pois estavam tendo muito lucro. Os Dragonlizard quase desapareceram, isto até que um grupo de estudantes resolveu parar com isso tentando conscientizar as pessoas, apesar de ser difícil. Como estavam com determinação, convenceram as autoridades a proibir a caça dessa espécie.

Hoje, graças a esses estudantes, o meio ambiente está voltando ao normal. Essa é uma boa lição de que não devemos fazer coisas sem pensar nas conseqüências.

Edson Edgar da Silveira
6ª Série A

A partir da folha em branco e um rabisco, os alunos fizeram um desenho. Depois de colori-lo criaram um texto livre sobre o mesmo.

Maristela Medeiros
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Bakunin

If Bakunin were a dinosaur, he would be a *Pinguinodoimpudenspachycephalosaurus*.

It is a big name, like Bakunin, who was very fat.

This name carries within it many characteristics of Bakunin:

x He was fat.

x He had a big head.

x He was cool, and

x he had no teeth, for he had lost them in prison.

We will call him PNIPCSaurus, because his name is too big.

The PNIPCSaurus:

x was carnivorous, because Bakunin liked to eat too much.

x was very big - more or less 70 feet and weighing 65 tons.

x was a rebel dinosaur, because Bakunin was a revolutionary.

x lived in Russia, where he was known as the “real dino-saur” (the real terrible lizard), because Bakunin always fought for his ideals.

Mariana Gabriela Lapa dos Santos

1ª Série A

Laura Martins Rodrigues

Vitor F. Juvêncio

1ª Série D

If Ayrton Senna da Silva were a dinosaur . . .

If Ayrton Senna da Silva were a dinosaur, his name would be *Celerprotocorysaurus* in Greek, or, in English: Fast, first, helmet lizard.

This dinosaur was small (about 1,75 m. in height, like Ayrton Senna). He had a big and thin tail to keep his balance and to help make the curves (like Ayrton Senna's car).

His body was long (about 3 m.) and his head was similar with a helmet. The *Celerprotocorysaurus* was light and very agile. He was the fastest dinosaur of the Mesozoic Era. He walked on two big legs, and he was omnivorous (he ate meat and vegetables). This dinosaur was calm and well known among the other dinosaurs.

This rare Brazilian dinosaur species died out in 1995 after a terrible accident, but his vestiges are here until today.

Leonardo Gomes da Silva

1ª Série C

Mateus Lichtblau

Renato M. da Silva

1ª Série B

Nos dois primeiros bimestres as turmas vêm desenvolvendo um projeto integrado quanto ao uso do Simple Past Tense.

Ao estudar a temática dos dinossauros [Dinosaurs], nós nos propusemos a pesquisar um "Dinossauro" da história da humanidade, apresentando uma breve biografia do/a escolhido/a. Após esta primeira situação, e após termos pesquisado mais a fundo a definição científica assim como lingüística do(s) dinossauro(s), passamos então a imaginar se o nosso "dinossauro" fosse, de fato, um dinossauro. Como é que ele ou ela seria?

Vera Maria Drews Guimarães
Professor Orientador/ Língua Inglesa

Ensino Médio

2001

Minha família

Os meus pais chamam-se Mauri Henrique Silva e Dejana Luiza Bortoli. Meu pai é de descendência portuguesa e nasceu na cidade de Florianópolis. Minha mãe é de descendência italiana e nasceu em Faxinal dos Guedes.

Os meus pais conheceram-se em Santo Antônio de Lisboa, quando a minha mãe veio morar em Sambaqui, pois os bairros são muito próximos.

Eles se casaram no ano de 1986 e foram morar no bairro de Sambaqui. Em 1987, mudaram-se para Cacupé, para morar na casa que foi da minha bisavó.

Sou filha única, me chamo Marina Luiza Bortoli da Silva e tenho nove anos de idade. Nasci no dia vinte e sete de janeiro, de mil novecentos e noventa e dois, na cidade de Florianópolis.

Meu pai estudou no Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, e minha mãe estudou no Colégio Salustiano Antônio Cabreira, em Faxinal dos Guedes, e na Universidade Federal de Santa Catarina.

Meu pai e minha mãe trabalham como funcionários públicos.

Atualmente, ainda moramos no bairro de Cacupé, só que meus pais construíram uma casa nova. Moramos na Rodovia Haroldo Soares Glavan, número 448.

Estudo no Colégio de Aplicação e quando crescer quero ser advogada. Eu adoro meus cachorros que se chamam Loty e Fofa e sou muito feliz com minha família e meus amigos.

Marina Luiza Bortoli da Silva
3ª Série C

A apresentação

Hoje, dia 22 de junho, convidamos os nossos pais para assistir a apresentação do livro que fizemos sobre o projeto “Resgate da História do Aluno e do Colégio de Aplicação”. Na abertura cantamos uma música que era muito legal e depois apresentamos uns textos que fizemos em grupos.

Chegou a minha vez de apresentar o trabalho sobre a história dos meus pais. Eu caprichei bastante porque a minha família toda me assistia e a minha vó estava junto. A minha família ficou emocionada porque eu li o texto dos meus pais muito bem. Minha avó gostou, me abraçou e me deu um beijo.

Achei a apresentação dos meus colegas muito boa e as mães também gostaram bastante. Depois as mães viram os livros de seus filhos. Elas acharam tudo muito bonito e interessante, pois falava sobre a nossa vida e sobre a história do nosso Colégio. Os livros também contavam um pouco da história das nossas avós, como elas brincavam e quais eram as brincadeiras de sua infância.

Eu gostei muito, pois as pessoas de idade têm muitas coisas boas para nos ensinar e nós aprendemos muito com elas.

Vinicius Soares de Souza
3ª Série C

A terceira série C trabalha com propostas de estudo que se desenvolvem através de Projetos. O primeiro Projeto de ensino teve como temática as férias dos alunos. O segundo, apresentou como proposta fundamental trabalhar a identidade do aluno. O projeto também desenvolveu atividades de pesquisa sobre a história de nosso colégio, que neste ano está completando quarenta anos de serviços prestados à comunidade escolar.

Regina Maria Felipe Ferrari
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Receita de uma boa amizade

Ingredientes:

um copo de carinho,
uma xícara de abraço,
um copo de amor,
uma colher de sonhos,
um copo de risadas.

❖ Modo de preparar:

Pegue no mínimo dois corações e vá colocando aos pouquinhos um copo de amor, misture com um copo de carinho e uma colher de sonho. Quando estiver quase pronto, coloque uma xícara de abraço e um copo de risada.

Esta pronto para servir, ou melhor, para brincar!

Texto Coletivo
1ª Série B

A turma trabalha com diversos tipos de textos, ao trabalhar com receitas, produziu o texto acima.

Maristela Andrade
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Adolescentes Fortes e Sadios

Desaparecem misteriosamente
Rumores dizem que eles foram drogados
Os “Karas” entram em ação
Garotos inteligentes investigando o caso
Até que o novo Kara é raptado

Detetives prontos para investigar
A droga da obediência é a chave de tudo

Obrigados a consumi-la, adolescentes viram marionetes vivas
Bobalhões hipnotizados, que só seguem ordens
Escondidos numa empresa que quer comandar a humanidade.
Dias se passam, quando os Karas descobrem:
Imorais faziam dos adolescentes cobaias,
Enchendo-lhes com drogas que tiravam suas ações.
Numa noite invadem a empresa secreta
Calú, Miguel, Magré, Crânio e Chumbinho descobrem o responsável: Dr.Q.I.
Imagine que horror!/? Viver sem vontade própria!
Ainda bem que isso é só nos livros de Pedro Bandeira.

Carolina Maines Horn
8ª Série A

A aluna foi extremamente criativa ao fazer a análise dos Elementos da Narrativa existentes na obra: “A droga da obediência” de Pedro Bandeira.

De maneira incomum, respondeu às questões solicitadas por meio deste acróstico.

Tânia Mara Cassel Trott
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Visita à reitoria : exposição de Rodrigo de Haro

“Catarina de Alexandria, princesa virgem-mártir, padroeira dos letrados, artesãos, inventores, nautas, costureiras, prisioneiros, intuitivos, jogadores. Padroeira de Universidades, rotas, tronos, timões, corujas e maravilhas. Catarina-Salve!”

Com essa exposição podemos perceber a afeição que Rodrigo de Haro tem pela Ilha de Santa Catarina. Os paredões coloridos de cerâmica nos revelam a visão do artista sobre as belezas e a cultura desse paraíso chamado Florianópolis. Ela retrata religião, mitos, e consegue através de seu trabalho ilustrar a magia que há em uma banal pescaria, nas praias e em construções que marcam a história daqui. O espaço modificado pelo homem, nas mãos do artista, se confunde com a beleza da natureza e das águas que banham a ilha tão amada trocada por Paris, onde nasceu. Santa Catarina de Alexandria foi personagem principal e ilustrou a introdução da obra, o que nos mostra que apesar de seu berço Europeu, Rodrigo abraçou a Ilha e sua cultura como um nativo ilhéu!

Exposição de Albertina Prates no Centro de Convivência-UFSC

25 de novembro dia de Santa Catarina de Alexandria

“Catamos a ilustre esposa de Cristo, Santa Catarina protetora do Sinai aquela que por nós é abrigo e socorro; com efeito pela espada do espírito fez claro brilhantemente os sofismas dos ímpios e agora, mártir coroada, implora por nós a graça da salvação.”

Santa Catarina, padroeira do nosso estado, nasceu em Alexandria no Egito. Era filha do ex-rei do Egito, Constantino, e foi virgem ilustre. Ela renunciou as riquezas e a vida fácil para oferecer-se a Cristo e gastou sua fortuna ajudando aos pobres e necessitados. Fiel a Cristo, amou-o como verdadeiro esposo, e defendeu a virtude e a virgindade. O imperador ordenou que fosse torturada com as rodas pontiagudas, mas

um anjo não somente preservou a virgem do suplício, como despedaçou a roda, cujos pedaços esmagaram alguns pagãos. Enfim, a grande mártir Catarina encontrou a morte por degolação.

Nessa belíssima exposição de Albertina Prates, baseada em Santa Catarina de Alexandria, podemos ver devoção, amor e admiração pela padroeira do nosso estado. Albertina não poupou esforços e inspiração para criar as interessantes obras. A pureza das pinceladas e a liberdade dos traços nos impressionam e fazem a história da Santa querer cada vez mais ser conhecida e adorada. É um privilégio ter essa mulher batalhadora homenageada no nome do nosso Estado!

Tatiana Carolina Gregório
7ª Série C

Visita à Reitoria da UFSC para ver/conhecer o mosaico de Rodrigo de Haro e visita à galeria de Arte do Centro de Convivência para ver a exposição sobre Santa Catarina de Alexandria da artista plástica Albertina Prates, em 11 de abril de 2001.

Olinda-Maria Azevedo Machado
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Razão instrumental

A civilização ocidental se desenvolveu sob o signo do saber objetivo e tecnocrático. Tudo é feito em torno da ciência e do progresso. É o pragmatismo que impera. Esta é uma razão fortemente ligada ao poder e à dominação das pessoas. Há uma busca pelo imediatismo, pelos resultados rápidos, porque o capitalismo não admite perda de tempo. Esta forma de vida é selvagem. Torna as pessoas especialistas em fazer algo e num tempo “recorde”, porque a concorrência exige que se faça tudo rapidamente e bem feito. O resultado dessa razão instrumental transformou o convívio humano. As relações, mesmo as familiares, estão ficando neuróticas, surgindo com isso novas doenças, como o estresse, o pânico... A própria escola, ao organizar o seu currículo não deixa espaço para o “pensar”. A escola esquece que a Filosofia é a base da ciência. Há uma predominância de disciplinas de cunho lógico na grade escolar e no próprio pensamento do homem. Tudo está envolto por números e estatísticas que escondem uma realidade muitas vezes prejudicial ao homem e à vida do planeta. Esta razão instrumental imposta ao homem após a modernidade faz com que a verdade subjetiva não seja expressa e o homem deixa de pensar. Transforma o homem em “coisa” incapaz de amar, de ter um sentimento fiel por outra pessoa sem que ela desconfie da nossa bondade. A razão instrumental mata a imaginação, nos deixando seres incapazes de refletir e pensar. A avaliação que o professor faz do aluno de Física, Matemática, por exemplo, refere-se estritamente ao cálculo ali expresso. Se o resultado não for tal qual a lógica requer, o aluno recebe uma nota insuficiente. Meia questão certa, na maioria das vezes, não tem valor algum neste pensamento lógico. Contudo, no Colégio de Aplicação, existem disciplinas que dão uma iniciação para que o aluno questione e não aceite respostas prontas como é o caso da Filosofia e Sociologia. Mas ainda é pouco para se afirmar que a grade curricular do Colégio de Aplicação esteja voltada para a razão vital. O Colégio de Aplicação parece ter um currículo diferenciado dos demais colégios, no que se refere à vocação de formar um sujeito crítico e atuante na sociedade, assim um aluno não alienado. Sabe-se que a maioria dos colégios apresenta uma filosofia diferenciada do CA, onde só fazem com que o aluno exercite o raciocínio lógico com cálculos, e deixam de lado a Filosofia e Sociologia, principalmente nos cursos pré-vestibulares. O que falta na nossa sociedade é uma base filosófica para que haja o equilíbrio entre a razão instrumental e o saber. Uma em benefício da outra.

Larissa Antonella Azevedo
1ª Série C

Razão instrumental x razão vital

Para falar sobre reflexos da “razão instrumental” na escola, é necessário defini-la. A razão instrumental, segundo Horkheimer e Adorno (filósofos contemporâneos) é incapaz de determinar os objetivos supremos da vida, sendo um mero instrumento, pois se ocupa apenas com meios e não com fins. É a razão pragmática, aplicada em buscar resultados úteis e imediatos. Essa razão se vincula ao poder, já está a serviço do controle da natureza, do ser humano e deste sobre o semelhante. Assim, a razão instrumental é a que procura conhecer, explorar e dominar a natureza e, naturalmente, o homem. Essa razão vai dar sustentação à sociedade que supervaloriza a ciência e a tecnologia até hoje. Partindo destes conceitos, podemos perceber os reflexos da razão tecnológica na escola, que está presente em seus currículos desde o início de sua história e no passado recente. No Brasil, em 1971, na reforma do Ensino Médio, o que prevalecia no currículo das escolas eram disciplinas da formação profissionalizante, sendo estas ainda mais próximas da ciência que amplia seu poder em nome da modernidade e do progresso. Essa razão instrumental vem acima da razão vital. Esse reflexo da razão instrumental na escola é percebido hoje na formação do professor, que tornou-se um especialista na sua área de conhecimento e ação, proporcionando uma atuação mais instrumentadora e transmissora do que orientadora. Essa razão instrumental é importante para ajudar a resolver os problemas impostos pela nossa sobrevivência, mas isto só é verdadeiro quando ela é feita com sabedoria, voltando seu conhecimento não só para a instrução do aluno, como também para sua vida, preocupando-se com todos os valores e relações da sua formação e capacidade de criar.

Juliana Esteffano
1ª Série A

Textos produzidos nas aulas de Filosofia do 2º bimestre/2001. Tema: A relação entre a Filosofia e as demais formas de conhecer o mundo. Procedimento adotado: estudo dirigido, aulas expositivas e dialogadas.

Jandira Nunes de Faria
Professor Orientador/ Filosofia
Ensino Médio 2001

A viagem

A primeira série "A" estava num balão
Parecia que via televisão.
Daí passou um avião
Fazendo um barulhão.
Viu uma rata
Roendo a pata da barata.
Viu um passarinho
Comendo um bichinho.
E no final, viu um urubu,
Soltando um pum.

Texto coletivo
1ª Série A

Eu vi uma menina
O nome dela era Karina
Ela dançava, na Festa Junina.

Iara Maria Machado Lopes
1ª Série A

Minha rosa, minha flor,
Eu te amo, meu amor.

Renata Ribeiro Schurmann
1ª Série A

Entrei no quarto
Tirei o boné
Peguei o sapato
Com cheiro de chulé.

Vinicius José dos Santos
1ª Série A

Eu vi a Raquel
Colocando o anel
Na lua de mel.

Ingrid Muller R. Moresco
1ª Série A

Eu estava na escola
Comendo carambola
O Carlos jogou cola
A carambola pulou fora.

Mariana Lemos Carcereri Mano
1ª Série A

Sobre

Tudo

Daniel foi comprar um anel
Caiu balde de mel
Limpou-se com papel.

Tayla Siqueira Ruy
1ª Série A

Eu estava na minha escola
Colocando argola
Chegou a Carola
Jogando bola.

João Pedro Fávero Canella
1ª Série A

O pirata abriu uma lata
Que tinha uma rata.
A rata réu
A cara da barata.

Ricardo Reich Corsevil
1ª Série A

Eu fui no carnaval
Com roupa de metal
Espetei todo mundo
Com a ponta do anzol.

Arthur da Silveira
1ª Série A

Explorando a escrita dos próprios nomes, os alunos criaram pequenos poemas com rimas.

Yvelise Ouriques Torquato
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

O reencontro

Os meus olhos querem falar
minha boca quer sentir
e meus sentimentos querem dizer
que o meu corpo quer sorrir.

Ah! Se eu pudesse sorrir pra você
sem me entregar
pois, não há rosas que descrevam
meus lábios apaixonados
quando levemente desabrocham
para te beijar.

Muitas coisas eu não entendo
quero falar com você,
mas só com palavras não me contento.

Por que será que ninguém me responde?
não sei qual será meu destino,
mas meu futuro eu construo hoje.

É muito bom saber que ao acordar
estarão vários pássaros à minha janela,
cantarão lindamente para eu apreciar
e de tardezinha ao chegar, estarão à minha espera.

Em todos os meus sentidos
e em tudo que eu sou
você sempre será o rio
que deságua nesse imenso mar de amor.

Cíntia Gabriela Pereira
2ª Série C

Minininha sexy

Com um jeitinho provocante de andar, lançando ao vento seus longos cabelos ondulados e escuros, de olhos azuis que mais parecem um infinito oceano... De um corpinho de dar inveja às “concorrentes”, parece mais um violão com trilha sonora na hora de fazer amor. Suas cordas vocais produzem um concerto musical de dar gosto de ouvir, tem um geniozinho forte e é delicada, inteligente e carinhosa, tornando-se assim, perfeita.

Sérgio Carias Vidal
3ª Série C

Doces mamilos

Passou por mim com um olhar distante, não a conhecia, mas não pude evitar que sua beleza me contagiasse. Sua pele queimada do sol, seu rosto delicado, cabelos não muito longos, movimentavam-se no ritmo dos seus passos. O vestido caía levemente sobre seu corpo, demonstrando belas formas. Pude imaginá-la nua, seios macios e mamilos como pequenos morangos silvestres.

Quando, finalmente, tive a chance de conhecê-la, pude perceber que sua beleza era um reflexo de sua personalidade. Ela era bela em todos os sentidos, divertida, ávida por viver, por conhecer coisas novas, sagaz... É claro que apesar de ter apenas 17 anos ela parecia ser um tanto “experiente”, mas isso apenas me instigava mais e mais.

Na verdade, eu creio que a desenvoltura e segurança que ela apresentava eram apenas um modo de esconder seus medos, aflições... Só que eu sabia que comigo ela poderia estar segura.

Guilherme Coutinho Silva
3ª Série B

Trabalho de descrição de uma figura feminina em que o aluno deveria mesclar elementos românticos e realistas.

Claudete Amália Segalin de Andrade
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Pensando com o Menino Maluquinho

“É fácil saber quando a brincadeira é de mau gosto: só você ri.”

Esta frase que o Ziraldo escreveu está no livro **O Pensamento Vivo do Menino Maluquinho**.

Quando alguém faz uma brincadeira que incomoda ou que machuca a outra pessoa, com certeza não está agradando. Quem faz brincadeira de mau gosto se diverte com o sofrimento do outro. Ninguém gosta de ser empurrado, vaiado ou atrapalhado numa atividade.

Só merecem o nome de brincadeiras, as coisas boas e legais que fazemos e que deixam todos alegres e satisfeitos. Devemos fazer para os outros só aquilo que gostamos que os outros façam para nós.

Texto coletivo
2ª Série A

Reflexão semanal de frases do livro “O Pensamento Vivo do Menino Maluquinho” - Ziraldo, Editora Melhoramentos.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

A hora neutra!

A hora neutra, essa hora que vem não sei de onde, não sei como, me deixa tranqüila...

Sinto como se, por um segundo, pudesse esquecer de tudo, de todos os problemas...

Lembrar apenas de que posso ser feliz com coisas simples...Como o meu trabalho, por mais cansativo que ele seja, olhando para o céu...Eu posso ser feliz olhando coisas bonitas...

Nessa hora, a hora neutra, na verdade nem sei o que penso, penso talvez, em mim mesma...É! Eu acho que pensei em mim, tento olhar para dentro, olhar mais fundo do que as pessoas conseguem ver, olhar para tentar saber o que amo, o que odeio, o que idolatro, o que abomino!

Essas, talvez, sejam coisas muito superficiais ainda...talvez por serem tão faladas, perderam a graça e o mistério...

Eu não sei...

Eu não conheço nem a mim mesma...Como então vou conhecer os amores e ódios de outras pessoas?

O ser humano é muito estranho...

Só mesmo a hora neutra para me fazer esclarecer as minhas dúvidas, que depois, sem eu perceber, fogem da minha mente e do meu controle!

Mas, talvez, haja uma razão para isso tudo, talvez a vida seja isso...

Um grande mistério!!!

Larissa de Abreu Queiroz
7ª Série B

Milton Pereira
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Segunda-feira

Um dia como outro qualquer. Começo de semana e da (para alguns) tortura do início das aulas da semana. E nos dias de chuva ou frio então...o melhor a se fazer, claro: ficar na cama.

E agora, este desafio: escrever uma crônica de segunda-feira, sem verbos flexionados. No máximo, no infinitivo. Difícil sim, mas não impossível, se você se concentrar e se tiver uma base lógica de idéias, ter-se-á um texto bem elaborado.

A propósito, esse pequeno texto tá bom ou não?

Mário Paulo de Souza Neto
3ª Série B

Sono bom...

Felicidade...dia chuvoso e frio em plena segunda-feira. Dia de prova...Física, angústia. Ao sino...expectativa. Em casa...calmaria e aconchego. Chuva na janela, friozinho...pipoca...sono, muito sono...colchão, travesseiro, coberta. Boa noite...

Graziela Gil
3ª Série B

Com sono, em uma segunda-feira, o que melhor do que uma aula de Português? Ainda mais com um exercício de redação sem verbo? Talvez permanecer sob as cobertas, sob quilos e quilos de colchas!

Não...tortura melhor que esta, pouco provável!

Comparar o mesmo, impossível?

Dama de ferro, nada mais que cócegas ao pé da mesma.

Guilherme Arthur Gerônimo

3ª Série A

Meu final de semana

Não às tarefas, não aos estudos (principalmente Português), não a tudo que me cansar.

Sim às festas, sim aos gatinhos, sim ao filme com a família, sim à comida, sim à internet, sim ao sonho, sim a tudo que descansar.

Kamila Maciel Dias

3ª Série A

Dia feio. Chuva forte. Relâmpagos e muita água no meio do caminho. Primeira aula no terceiro(A). Início difícil. Como transformar o cinza da hora e a saudade do calor das cobertas em uma novidade para *engrenar* dia e/ou semana? Hora boa para...redação sem verbo...flexionado. Expectativa grande. "Proposta estranha. Escrever logo cedo, que absurdo. Que raiva! Coisa de professora de português. Inacreditável! Belo início de semana! Com este começo, difícil adivinhar o depois..." Bem, melhor foi vê-lo nos resultados acima.

Claudete Amália Segalin de Andrade
Professor Orientador/Língua Portuguesa

Ensino Médio

2001

Pingüim

O pingüim mora
No Pólo sul
Mas também é encontrado
Na praia do Pântano do Sul,

O pingüim não voa
As suas asas servem para nadar
O pingüim nada em água gelada.

Samuel Dutra
2ª Série C

Bom dia

A onça quis ir dormir
Mas a coitada
Teve que passear
Porque estava com falta de ar
E queria respirar
Espero que esteja boa
Porque estou rindo à-toa
Espero que esteja dormindo
Porque estou rindo.

Francielle Pereira
2ª Série C

O elefante

O elefante deita e rola
Sem parar
Dorme e sonha sem pensar
Que elefante!

Come e se joga
Na lama
Até se lambuzar
Que elefante!

O elefante gosta tanto
De se abanar
Que todo mundo
Diz que a orelha dele é um leque
Que elefante!

Thiago Steinhaus
2ª Série C

O gato

O lindo gato
Dá um belo salto
E pula o muro
Dá outro salto e volta.

Mia quando tem fome
Ou quer passear
Mia também
Quando acha uma fêmea.

No final do dia
Ao pôr do sol
Toma um belo
Banho de língua.

Mas coitadinho do passarinho
O gato é um felino
Muito esperto
E ainda atrás do pobrezinho.

Vinícius Vieira Soares
2ª Série C

Os alunos da segunda série C, do Ensino Fundamental, desenvolveram o projeto “A Poesia Entrou em Nossas Vidas” e conheceram um pouco da vida e da obra de poetas como: Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, José Paulo Paes, Sidônio Muralha, Fernando Paixão, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes. As poesias aqui apresentadas foram escritas a partir da leitura dos textos desses autores.

Teresinha Idalina Bravo
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental

WHY?

They are human
People like us.
They work in the land.
With their own hands.
Waiting for life
Living in community
Waiting for justice

A fight for space
for light
for citizenship
for a better life
hungry, cry
why?
Unhappiness, death
Do you think is this all right?
A fight for land
Don't you understand?
They fight for us
Someday this will change
Do you think?
I don't know...
But it's possible
If justice exists
This will happen.

Gabriela Augusto Vicente
8ª Série B

Elis Rodrigues Vasconcellos

MST

8ª Série A

Poverty...
Misery...
Hungry...
Unhappy...

No money...
No house...
No schools...
No food...

They need justice...
They need work...
They need land...
They need health...

Solution...
Agrarian Reform

Tatiana Medeiros Barbosa
8ª Série C
Pedro Momm da Costa
8ª Série A

Esta atividade intitulada Writing Poetry foi desenvolvida em sala com participação efetiva de todos os alunos, logo após a viagem ao acampamento do MST em Fraiburgo-SC, uma atividade do projeto “Pés na Estrada do Conhecimento”. Para iniciar a discussão, foi pedido aos alunos que falassem, em inglês, sobre a experiência recém vivida no acampamento. Após o relato da experiência, registrado no quadro pela professora através de palavras e frases curtas, os alunos leram algumas poesias sobre o MST, também escritas em inglês, e ouviram músicas relacionadas ao tema. Foram também apresentados, em transparência, exemplos de diferentes estilos de poesia. Eles escolheram um estilo, escreveram a poesia, ilustraram e apresentaram aos pares com a ajuda do retroprojetor, lendo em voz alta o texto elaborado.

Maria Inês Probst Lucena
Professor Orientador/Língua Inglesa
Ensino Fundamental
2001

O saci avaiano

Era uma vez um Saci que era torcedor do Avai. Ele assustava os torcedores do Figueirense.

Um dia, um homem torcedor do Figueirense passou por ali. O Saci pediu fumo e o homem fugiu e nunca mais voltou.

O Saci, querendo vingar-se, pegou o cavalo dele e foi embora.

Agora, eu vou te dar uma dica:

- Se você for Figueirense e vir um negrinho de capuz vermelho em cima de um cavalo dourado, pode correr, é um Saci Avaiano!

Mariana Souza Fazzi
2ª Série C

Trabalhando algumas lendas do folclore, os alunos da 2ª série C do Ensino Fundamental, do ano de 1999, recriaram algumas delas, sob a orientação de professora Clarete.

Hoje, a autora desse texto é aluna da 5ª série C.

Maria Clarete Borges de Andrade
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
1999

Relatório de visita da ex-diretora Ilacir

Na manhã do dia 4 de abril de 2001, recebemos a visita da ex-diretora Ilacir C. Amorim da Silva, que veio nos falar sobre o colégio na sua administração.

A colega Mariana explicou o projeto que estamos desenvolvendo, “Resgate da História do Colégio de Aplicação”. A professora Ilacir falou da alegria de ter recebido as cartinhas e de estar com a 4ª C.

Em seguida, começamos a fazer as perguntas que planejamos e ela foi respondendo com muita calma e alegria.

Ficamos sabendo que ela já havia sido vice-diretora por duas vezes no Colégio e professora de História e OSPB. Nos informou que a biblioteca que temos hoje, foi construída no seu mandato, assim como o “galpão”, que era onde funcionava as salas de 5ª a 8ª série naquela época.

A professora Ilacir nos disse também que um dos problemas de sua administração era o número de professores, havia necessidade de contratação para substituir os professores que saíam para formação (mestrado, doutorado...) e, principalmente, o fato de o colégio ser dividido em vários espaços.

Ela falou que é um privilégio muito grande ser aluno do colégio. Que devemos aproveitar bastante tudo o que ele nos oferece e que se sente muito feliz de ter feito parte da História do Colégio de Aplicação.

Ficamos sabendo que atualmente ela faz aula de piano, lê muitos livros, principalmente de História (Antigo Egito), faz aulas de patwork, etc. Considera importante a mente continuar funcionando sempre, “não podemos parar”.

Algumas alunas convidaram-na para visitar a exposição dos alunos do professor Jaques, no Espaço Estético. Entregamos flores, cartão e a agenda do C.A. Tiramos fotos, fizemos os agradecimentos e ela foi embora.

Essa visita foi super importante para enriquecer o projeto que estamos desenvolvendo e também porque sentimos um carinho muito grande dela pelo nosso colégio.

Texto Coletivo
4ª Série C

Atividade do projeto “Resgate da História do Colégio de Aplicação”.

Maria Clarete Borges de Andrade
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Avião cai no México

Caiu meu avião, o que será de mim?
Sem ele meu amor terá fim.
Olhe que confusão, o piloto sumiu,
foi parar sentado em um navio
que no oceano estava, onde o avião caiu.
A aeromoça resolveu ficar, virar sereia,
se casou com uma baleia.
O co-piloto – que desgosto – nadou até o Hawaii,
foi trabalhar com um siri.
E eu, que alegria,
fui direto para a Bahia.
O desastre aconteceu no oeste do país,
o avião se chocou com uma montanha,
mas não foi em Fernando de Noronha.
Outro desastre aconteceu no leste do país,
um passageiro foi pro céu,
andar de carrossel.
Triste fim tem esta história,
que paranóia!

Mayra Hartmam da Cunha
1ª Série A

O Avião e seu caminho

O avião abraça o ar
Como se abraçasse a vida
Tempo bom, céu azul, sem azar,
Voar, liberdade indescrita.

A aeromoça simpática sorria
Mas de repente o avião se perde na trilha...

O avião abraça a mata
Como se abraçasse a morte
Tempo ruim, céu nublado, sem sorte
Voar, prisão insensata.

Uma mãe apática choraria
Compensando o sorriso que lhe faltaria.

Marcos Paulo Pontes Oliveira
1ª Série C

A partir de uma notícia de jornal sobre desastres aéreos, foi solicitada a produção de um texto, utilizando a linguagem conotativa. Essa atividade retoma o conteúdo Figuras de Linguagem e introduz o conteúdo Texto literário e não-literário.

Nara Caetano Rodrigues
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Uma cidade em apuros

Tudo começou quando Ricardo, irmão de Paulo nasceu. Paulo o adorava, mesmo seu irmão tendo só alguns meses de vida. Ele o ensinava tudo que aprendia no curso do circo, que já fazia há quatro anos.

Mas o tempo foi passando e os dois foram crescendo, crescendo e crescendo.

Ninguém os segurava. Aprontavam muitas pegadinhas e brincadeiras na cidade em que viviam.

Como era cidade do interior, todo mundo conhecia todo mundo. E todos da cidade conheciam os “artistas”, Ricardo e Paulo.

Ninguém agüentava mais, faziam tantas brincadeiras e pegadinhas de mal gosto que fizeram a cidade cansar deles. Para qualquer pessoa que você perguntasse sobre os irmãos Paulo e Ricardo, ficava atenta, de olhos arregalados. Seus pais já não os agüentavam mais também.

Até chegar um padre na cidade. Então seus pais resolveram levá-los ao padre para ver se curava essa “doença de pegadinhas” ou “doença de travessuras”.

Tudo foi combinado. O menor, Ricardo iria primeiro, de manhã. E o maior, Paulo iria à tarde para não aprontarem. E tudo “ok” para o grande dia !

O padre era já de idade com cara de zangado.

E no dia, o pai levou Ricardo ao padre. Entraram numa sala, só o padre e Ricardo.

O padre com aparência de furioso, perguntava grossamente: “Onde está Deus ? Onde está Deus?” E Ricardo assustado, ficou quieto.

Voltando para casa, Ricardo se trancou no armário. Paulo assustado e preocupado, foi ver o que aconteceu com seu irmão. Perguntou:

- “O que aconteceu, mano ?”

Ricardo assustado, respondeu:

- “Ih, mano, desta vez a gente tá ferrado!” Paulo perguntou:

- “Mas por quê ?”

E Ricardo disse:

- “É que Deus sumiu e eles acham que foi a gente”.

Maíra Caroline Schu
Maria Júlia Kurth de Azambuja
7ª Série A

A revolta assassina

Rubis é um menino que nasceu no meio de uma plantação de milho. Por isso todos os seus amigos o chamavam pelo apelido, ou seja, espantalho. Melhor dizendo, Rubis não tinha amigos, apenas conhecidos, pois ninguém queria ser amigo de um menino ruivo, com o cabelo seco e espichado como um espantalho.

Os meninos, que não poderiam se chamados de amigos, eram Alfredo, Silvano e Juninho. Esses, sempre que iam colher milho, encontravam Rubis e tiravam “sarro de sua cara”.

Com isso, Rubis foi ficando revoltado, até que num certo dia Silvano foi colher milho sozinho, olhou para um lado e para outro, mas não encontrou Rubis. De repente, Rubis aparece com uma aparência maldosa, pega uma espiga de milho e crava no olho de Silvano, que depois de passarem alguns minutos e gemer de dor, acaba morrendo.

O menino Rubis, que se transforma no espantalho assassino, enterra o corpo no milharal e aguarda os próximas vítimas.

Chega a vez de Juninho. Também foi no outro dia, colher milho sozinho, quando aparece o espantalho assassino de surpresa com uma espiga de milho na mão. Ele crava a espiga, no pescoço de Juninho que acaba morrendo e depois é enterrado no milharal.

No mesmo dia, só que um pouco mais tarde, chega Alfredo para colher milhos, também sozinho. Nota que Rubis não está por perto, mas quando menos espera é surpreendido pelo mesmo com uma espiga de milho, apunhalando-o pelas costas. Só que Alfredo era o mais forte dos meninos e agüenta o ferimento. Ao olhar para trás, vê Rubis totalmente revoltado e com uma foice na mão. Estes corta as duas pernas de Alfredo que fica gritando e sangrando muito no chão. Em seguida o espantalho corta os braços e por fim a cabeça, matando-o.

A vingança foi feita. Porém, depois de tudo, Rubis acaba se tornando um espantalho sem vida, seu corpo todo vira palha.

A história dos três meninos sumidos ficou um mistério, pois ninguém descobriu o que realmente aconteceu com eles

Portanto, sempre respeite as pessoas seja ela como for, preta, branca, alta, magra, etc. Ou você pode acabar como os três meninos.

Leonardo Vieira Conceição
João Marcelo Tiskoski Coelho
7ª Série A

Os alunos da 7ª A ao estudarem a narrativa e alguns de seus elementos, foram levados a reconhecer quem são os personagens em narrativas diversas. A partir disso, a professora de Língua Portuguesa solicitou que criassem um personagem, de preferência engraçado ou descrevem-se e contassem uma história em que o mesmo estivesse envolvido.

Maria Cláudia de Sena Abrahão
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental

2001

Sobre

Tudo

O Globo

Ó globo, ó globo
Tua vista lunar
Tua noite estrelar

Ó globo, ó Terra
Tua face tão bela
Mais bela que a mais bela
Lua que nasce atrás do mais belo morro

Ó Terra, ó Sol,
Ilumina o caminho da Terra,
Como uma mãe, um farol.

Hermano Buss
6ª série A

Ao final de uma aula em que falamos sobre os adjetivos, substantivos e os verbos, houve um tempo livre para os alunos. O Hermano aproveitou de maneira muito especial estes últimos momentos, escrevendo esta poesia.

Maristela Medeiros
Professor Orientador / Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

O que é ser humano?

Ser humano é estar à mercê de um cérebro com perguntas e um coração com respostas, é viver, sentir, refletir e morrer sem saber, é sofrer. É viver dentro de limites, é criar suas próprias barreiras, arquitetar ilusões e ter fé em suposições. É lutar e perder, é querer e vencer. Ser nosso maior inimigo e melhor amigo ao mesmo tempo. É erro sem castigo, punição sem crime, julgamento sem juiz. Ser humano é aprender, descobrir reciprocamente e sonhar com a eternidade e com o que nunca alcançaremos. É ter fome de poder, se sentir acorrentado ou voando no vento. É tudo aquilo que eu ainda não sei.

João Pedro Garcia Diniz Spinelli
1ª Série B

O que é ser humano?

O ser humano não é apenas um ser orgânico, vivo, que realiza em seu dia-a-dia uma infinidade de tarefas para sobreviver.

O ser humano não é um simples animal com seus instintos e necessidades biológicas. Um ser humano é alguém que pensa, que ri, que chora, que se emociona, que sente raiva, que tem medos...

Se analisarmos com mais calma, veremos que o ser humano é mais complexo que a mais complexa das equações matemáticas, é mais completo que o mais completo dos dicionários, é mais valioso que a mais valiosa das pérolas.

Ao mesmo tempo que o ser humano pode ser comparado a um turbilhão de emoções gritando sem parar, vemos que sua simplicidade é sublime, onde por traz de um milhão de objetivos que ele possa ter, o mais importante, e o que todos buscam é a felicidade.

Mas o que é a felicidade? A variedade de pensamentos e emoções dos seres humanos tornam a felicidade, ou seu conceito, em qualquer coisa. Pode ser um carro novo, um jogo de futebol, um casamento, um cigarro, um novo emprego ou até mesmo o mal de outra pessoa...

O ser humano pode ser tantas coisas, pode assumir tantas faces, que às vezes esquecemos da sua principal característica, que é a de buscar incansavelmente esta tal felicidade.

Mário Kobus Júnior
1ª Série D

Textos produzidos nas aulas de Filosofia do segundo bimestre de 2001. Tema: Antropologia Filosófica - Introdução. Procedimento adotado: produção livre de um texto, sobre o eixo temático da Unidade II do programa, a ser retomado ao final deste módulo para dar continuidade à produção.

Jandira Nunes de Faria
Professor Orientador/ Filosofia
Ensino Médio
2001

Eu quero

Eu quero que o ensino
seja público e gratuito
e de qualidade,
e de qualidade.

Eu quero que o Colégio
continue de verdade,
na Universidade,
na Universidade.

(estribilho)

Eu quero que não falte professor no Aplicação,
que todos tenham aula e aprendam de montão.
Os professores lutam pela nossa educação,
apóie o movimento, lute pelo Aplicação!

Eu quero que o ensino
seja público...

Eu quero que o Colégio seja sempre muito bom,
sempre mobilizado a favor da educação.
Se estou com meus amigos nessa luta, tudo bem!
A vida é um eterno aprendizado aqui também!

Eu quero que o ensino
seja público...

Texto Coletivo
2ª Série A

Adaptação da música “Que Felicidade”, de Michael Sullivan e Paulo Massadas.

Era maio de 1998. Greve na UFSC. Preocupados com a ameaça do Colégio de Aplicação ser desvinculado da Universidade, os alunos da 2ª série A do Ensino Fundamental aproveitaram uma música já conhecida por eles e modificaram sua letra. O desejo por um ensino público, gratuito e de qualidade foi cantado em várias atividades de greve daquele ano.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental

1998

A vovó e a menina Carolina

Um dia, uma menina que se chamava Carolina foi no mercado por que a mãe tinha pedido para ela fazer compras e ela comprou pão, sabonete, papel higiênico, café...

Quando voltou, a mãe tinha uma surpresa, uma novidade.

- Filhinha, arrume a sua mala que nós vamos viajar para a casa da vovó! - disse a mãe de Carolina.

- Mas que ótimo, vou agora mesmo preparar a mala! - disse Carolina. E foi correndo dar um abraço na mãe. Em seguida preparou a sua mala.

- Mamãe, já preparei a minha mala, agora posso ligar para a vovó, para dizer a ela que nós vamos viajar para lá, ou ela já sabe? - perguntou Carolina.

- Não, ela não sabe que nós vamos viajar, mas, por favor filhinha, não liga, nós vamos fazer uma surpresa para ela! - disse a mãe dela que se chamava Dona Margarida.

- Que legal mamãe! Me dá um real. Posso ir na loja ao lado comprar um presente para a vovó?

- Claro que pode, até vou te dar dois reais para você comprar aquele enfeite para a casa dela. Quando ela veio da última vez para cá ela gostou tanto daquele enfeite! - disse Dona Margarida.

- Obrigado, vou comprar o presente que você mandou e um presente para ela.

E foi bem feliz comprar o presente e quando voltou a mãe teve outra novidade para Carolina.

- Filhinha, vamos comprar as passagens para nós viajarmos para a casa da vovó.

No dia seguinte foram viajar para a casa da vovó que se chama Júlia, mas daí se divertiram bastante e a avó ficou muito contente e viveram momentos felizes juntas.

Luna Cassel Trott

2ª Série B

A criança tem muita coisa para expressar, se não oferecermos a oportunidade, como poderemos aproveitar.

Valéria Cecília Moreira
Professor Orientador/ Séries Iniciais

Ensino Fundamental

2001

Se eu fosse um ventilador de teto

Se eu fosse um ventilador de teto, acharia os humanos uns ingratos. Eu ali sozinho a ventilar e nenhum deles aqui a me limpar.

Pois é, para eles, sou apenas mais um daqueles utensílios domésticos. Resumindo, minha vida é só girar, girar, girar, e !!! Parar. Girar, girar, girar, e !!! Parar. É, viram como é minha vida? Não desejem isso para vocês.

Tem humano por aí, que diz que é resistente, foi até parar num tal de “NO LIMITE”. Ah é? Então, só quero ver ele girar horas por dia e não ficar tonto. Viram? Sou mais resistente que os humanos.

Dizem por aí, que minha vida é perdida, pois eu não digo isso. O que sou e faço hoje, é devido ao meu grande esforço, trabalho e dedicação. Sou digno e tenho orgulho de minha raça, diferente dos humanos.

Rodrigo Simões Chagas
4ª Série A

Proposta de produção de texto:

Criar um texto onde você se coloca no lugar de um objeto, pessoa ou animal.

Elisa Pitz Goulart
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

As letras mágicas

Um dia, eu e minhas irmãs estávamos meio tristes, pois não conseguíamos entrar na mente e no coração de uma menina. Nós, como letras mágicas, tínhamos o dever de conseguir isso, pois não somos letras quaisquer, somos mágicas!

No outro dia, eu e minhas irmãs bolamos um plano, iríamos montar um cartaz falando sobre um concurso de ciências, é que descobrimos que ela adorava esta matéria, mas ela não escrevia nada nos seus cadernos, ela não gostava de escrever nem de ler.

A menina que se chamava Marina, viu o cartaz e ficou muito entusiasmada com o concurso, pois o prêmio seria miniaturas de animais marinhos e terrestres.

Chegando o dia e a hora do concurso a menina levou um susto, pois não tinha ninguém lá, só uma prova que deixamos em cima de uma mesa. Ninguém viu o cartaz, pois nós letras mágicas podemos deixar o cartaz invisível, mas visível para as pessoas que queremos. Em uma questão da prova, ela deveria fazer uma poesia de acordo com um texto, até essa questão ela estava satisfeita, pois a prova era praticamente toda de assinalar. Marina como queria o prêmio, fez essa questão com o maior capricho que podia ter.

Depois de alguns dias deixamos o resultado da prova em cima da carteira da Marina. Quando ela o viu ficou surpresa. Ao lado da poesia que ela tinha feito, nós escrevemos uma observação: “Essa poesia foi a melhor do concurso, e vai para o livro do colégio, parabéns!”. Depois de ler a mensagem a menina ficou muito feliz e começou a se interessar pela leitura e pela escrita, graças a nós AS LETRINHAS MÁGICAS. E o que nós fizemos com a Marina vamos fazer com outras crianças.

Maíra Maciel Tomazzoli
6ª Série C

Os alunos deveriam criar uma personagem bem diferente, descrevendo-o com detalhes. Após esta etapa, deveriam produzir um texto com ela.

Maristela Medeiros
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Um colégio especial

No dia dezessete de julho é um grande dia, nosso Colégio faz quarenta anos de existência.

O Colégio de Aplicação se localiza dentro do Campus Universitário.

Tudo começou há quarenta anos atrás, em 1961, em prédios de madeira, com o nome de Ginásio de Aplicação. Em 1970 passou a ser chamado de Colégio de Aplicação.

O Colégio de Aplicação começou, porque era o sonho de um grupo de professores para ajudar os alunos da Universidade nos estágios e também nas experiências pedagógicas.

O Colégio de Aplicação está sempre preocupado em oferecer o melhor a seus alunos.

Temos excelentes professores e funcionários que realmente se dedicam para nos tornarmos um adulto responsável e feliz.

O Colégio de Aplicação é nosso segundo lar, pois lá somos educados com carinho e respeito.

Desejo toda a felicidade do mundo a todas as pessoas que aqui trabalham, que educam e que fazem deste colégio para mim, um lugar, muito especial.

Francine Conceição dos Santos
3ª Série B

Ivaneide Coelho Martins
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Observação

Os sinos vão dobrando
Numa tentativa desesperada
De espantar as pequenas naves espaciais
Que voam ao seu redor.

Milhares de badaladas são dadas
Enquanto aqueles cascos rudes e grossos
Tocam sobre aquele tapete verde.

Um escravo apreciado por seus senhores,
Batucadas no tapete, e os sinos dobram
Enquanto o sol reflete naquele espelho negro.

E os sinos dobram,
Como um dia poderá ser livre.

E os sinos dobram,
E as naves vão
Por aquela estrutura curvada e cansada,
Sendo abatidas pelas suas longas asas.

Alexandre Schimitt
8ª Série

Este poema foi um dos resultados de uma atividade desenvolvida em 1985, com alunos de 8^{as} séries. Este poema foi escrito em 1985. É o resultado de uma atividade de produção de texto a partir da observação do cotidiano no Campus. Acomodados diante do Museu de Antropologia, à sombra das árvores, os alunos observaram o movimentos de pessoas, animais e veículos por alguns instantes e, ali mesmo, fizeram o registro. O texto foi considerado muito bom pela turma e como professora pediu ao aluno uma cópia, que acredito ser interessante até hoje, particularmente para os propósitos da Revista Sobre Tudo e de seu pequeno sobrenome: “Muitas idéias para pouca gaveta”.

Claudete Amália Segalin Andrade
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
1985

Economizando luz

No Brasil está faltando água. As máquinas das usinas hidrelétricas quase já não conseguem trabalhar para produzir energia e transformar água em luz.

É por isso que nós devemos economizar o máximo possível de energia elétrica. Nós podemos usar menos os aparelhos de som, só ligar a cafeteira quando realmente for preciso, não usar o microondas sem necessidade, tomar banhos mais rápidos e deixar acesas só as lâmpadas necessárias.

Também não devemos esquecer de sempre estar economizando e pedir para que as outras pessoas também se preocupem com isso.

Marina Bergmann Kremer
2ª Série A

Texto produzido no mês de maio após discussões sobre a campanha de economia de energia elétrica deflagrada pelo governo.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

O que é felicidade?

Para mim, felicidade é curtir bem a vida, saber viver, aproveitar bem as oportunidades.

A felicidade está em quase tudo. Está na brincadeira, na arte, no teatro.

Se você souber aproveitar as oportunidades, saberá que está aproveitando a vida, ou seja, está sendo feliz.

Sei que sou feliz, pois faço coisas que gosto, tenho vários amigos e amigas, amo meus pais, etc.

Acho que devemos aproveitar bem nossa infância. Ser criança é só uma vez na vida.

Um conselho que dou: Seja feliz do seu jeito!

“ Viva de tal forma que a sua presença não seja notada, mas sua falta muito sentida”.

Não sei por que, mas achei que esta poesia tem muito a ver com felicidade. Aproveite bem a sua vida, faça coisas legais e o mais importante, aproveite bem sua infância.

Seja feliz do seu jeito!

Tayná da Silva
5ª Série C

Milton Pereira
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

A aceitação do estrangeirismo

O estrangeirismo é uma questão muito polêmica. Há dois lados com argumentos fortíssimos, bem justificados e inegáveis.

Por um lado, o estrangeirismo na Língua Portuguesa representa uma dominação exercida pelos países desenvolvidos. A imposição da língua desses países “vem” junto com toda uma cultura dos mesmos. Desse modo, a cultura brasileira vai sendo desvalorizada e conseqüentemente a nossa língua também. Os EUA, por exemplo, impõem sua cultura permanentemente, já que são uma das maiores potências econômicas mundiais. E sua língua (o Inglês) influencia em praticamente todas as outras línguas, incluindo o português. O problema é que as palavras portuguesas vão sendo substituídas por semelhantes estrangeiras, desvalorizando a nossa língua, quando isso não seria necessário.

Por outro lado, há um mundo globalizado, uma tecnologia a qual o Brasil começa a ter acesso. E tudo isso traz um vocabulário novo e diferente. Essa tecnologia, como é produzida em países desenvolvidos, chega até nós com o vocabulário deles. Sendo assim, há palavras sem correspondentes e que, então, passam a ser utilizadas na sua “forma natural”. Os meios de comunicação também contribuem para a utilização de novos vocabulários resultantes do estrangeirismo, até mesmo para a incorporação de novas palavras. Todas essas novas palavras sem semelhante no português servem para enriquecê-lo, já que a língua está em constante mudança.

Assim como a globalização, o estrangeirismo tem prós e contras, portanto é difícil posicionar-se de uma forma radical. Mas, na minha opinião, os brasileiros deveriam valorizar o português, aceitando o estrangeirismo necessário e não o abusivo.

Gabriela Ecco
1ª Série C

Let's speak Portuguese!

Quando passeamos no Shopping Beira Mar no verão, quase nos esquecemos que estamos no Brasil. Entre dezenas de “stores”, “on sale”, “fast food”, “no smoking”, ouvindo “los hermanos hablando español” e às vezes até alemães e franceses, é difícil não “entrar na onda”. Até porque, falar inglês dá “status”. Assim, falamos baixinho o português e tratamos de aprender com urgência uma outra língua.

Até que ponto o estrangeirismo enriquece e a partir de quando passa a desvalorizar nossa cultura? Quem consegue viver sem falar “arroz”, “norte”, “algarismo” e “quimono”? Todas as palavras estrangeiras que tornaram nossa língua mais rica e completa.

Assim como Sérgio da Costa Ramos diz, o estrangeirismo é bom e enriquecedor, até que passa a ser utilizado em excesso. Crianças, já na primeira infância, tomam aulas para perderem sotaque. E o que falar das ofertas de emprego que exigem, no mínimo, inglês básico?

A imposição da língua inglesa no nosso dia-a-dia é uma forma de domínio e desvalorização da nossa pátria. Afinal, eles são desenvolvidos, ricos e poderosos e, em nossa ânsia de sermos iguais, nos submetemos a sua cultura, não levando em conta a nossa, tão rica, tão interessante, tão bela. Somos um povo injusto que vibra quando Guga é tri e a seleção é tetra, mas que, no dia-a-dia, esquece-se de honrar e reverenciar a bandeira verde e amarela. E há forma melhor de fazê-lo se não dando valor às tradições?

O que nos falta é um pouquinho de bom senso para saber dosar o estrangeirismo e sua influência. Até certo ponto, ele é benéfico e enriquecedor, ora! Tudo o que é demais faz mal!

Mariana Franzoni Maioral
1ª Série B

Produção de texto sobre “O uso de estrangeirismos na Língua Portuguesa”, desenvolvida após as seguintes atividades sobre o tema: - apresentação de trabalho em grupo a partir de textos lidos; - conversa com o jornalista Sérgio da Costa Ramos; -debate por duplas, apresentando/ defendendo argumentos fundamentados.

Tais atividades foram precedidas pelo estudo dos conteúdos Origens da Língua Portuguesa e Estrutura e Formação de Palavras.

Nara Caetano Rodrigues
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Um toque de amor

Nasceste tão pequenino
Só de quinta a oitava série
E dando seus primeiros passinhos
Foste logo crescendo de mansinho
Mais uma turma surgindo
Ensino Médio e o Fundamental

As crianças florindo caminhos
E você se tornando tão popular

Os inscritos são tantos
E hoje sorteio
É a forma pro sonho de muitos pais
Seus filhos aqui estudar

É a prova mais concreta
Da qualidade do ensino
Que seus professores podem dar
Na gincana, Olimpíada,
Na ACAC e no dia-a-dia do CA
Outras surpresas a mais
Nos dando tamanha alegria
E fazendo te amar cada vez mais

Hoje com seus quarenta anos
Muita história há pra contar
Passado, presente e futuro é memória
Relíquias de cada vida de sonhos e idéias
Tornando única sua história.

Texto Coletivo
3ª Série B

Ivaneide Coelho Martins
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Sobre

Tudo

A bagunça

Certo dia, fui à cozinha, peguei meu lanche e me encaminhei para a sala. Chegando lá, eu tropecei e caí por cima da mesa e das três cadeiras, a colher voou do meu copo e quebrou o lustre.

O piso e uma parte da parede ficaram marrom. Todas as frutas que estavam fresquinhas e gostosas caíram no chão e se abriram, não sobrou nenhuma. Foi aquela bagunça só por causa de um tropeço.

No fim tive que limpar tudo, comprar frutas frescas e um novo lustre. Gastei toda minha mesada, que azar!

Sérgio Luiz Mattos Tezza
6ª Série C

Os alunos receberam a figura de um ambiente para descrevê-lo com detalhes, em seguida deveriam criar uma história sobre uma situação inusitada que houvesse acontecido naquele ambiente.

Maristela Medeiros
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

A vida e suas lições

Sabemos que a vida nos dá muitas lições, que podem ser boas ou ruins. Sabemos que é vivendo que aprendemos. Até mesmo, muitos dizem que quanto mais velha a pessoa é, mais conhecimento ela possui, pois ao longo de sua vida foi adquirindo experiências que lhes ensinaram a viver.

Sabemos que a vida poderia ser melhor, se as pessoas contribuíssem para que isso ocorresse. Mas, como vimos no documentário “Ilha das Flores”, as pessoas que não têm condições são desvalorizadas. E o poema “O Bicho” mostra que há pessoas em nossa sociedade que são tratadas como animais. Então não adianta nós vivermos bem, se grande parte de nossa sociedade não vive. Temos que colaborar para que todos tenham uma vida boa.

A grande maioria da população brasileira passa por muitas dificuldades, como: fome, miséria, preconceito, falta de ensino gratuito de boa qualidade, desemprego... Há também inflação, corrupção e pra completar o “apagão” (acionamento de energia elétrica). Com tantos problemas em nossa sociedade não é fácil ter uma vida razoavelmente boa. E são todos esses problemas que contribuem para gerar uma sociedade em que seus cidadãos se tornem desonestos, corruptos, sem sentimentos,...

Então, para que a vida nos ensine coisas boas, é preciso solucionar os problemas de nossa sociedade.

Bruna Dias
1ª Série B

A produção textual a ser elaborada consiste em trabalhar o vídeo “Ilha das Flores”, que mostra o “lixão” de Porto Alegre e aqueles que o consomem, o poema o “Bicho” de Manuel Bandeira, o qual mostra o homem vivendo como um animal, ou seja, inversão de valores e a música de Luís Gonzaga Junior “Viver e Aprender” que conclui as experiências apresentadas.

Renata Mello
Estagiária do Curso de Letras/UFSC
Nara Caetano Rodrigues
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Sobre

Tudo

Coração

No meu coração
cabe todo mundo.
Só não cabe drogas
e coisas
que fazem mal à saúde.
Isso não cabe no meu coração
e não faz parte
da minha emoção.

Gabriela Goebert
2ª Série B

Motivando a despertar o gosto pela poesia, sabendo compreender e criar, desenvolvendo suas idéias.

Valéria Cecília Moreira
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Um Lugar ao Sol sobre uma vida em sombras

Érico é um grande escritor e através de uma de suas melhores obras pode confirmar isto. Um Lugar ao Sol retrata a vida e o cotidiano de nosso dia-a-dia, é um livro que ajuda muito na reflexão das dificuldades da vida.

Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, sua família tinha uma renda economicamente baixa e portanto ele teve muitas dificuldades financeiras. Para ajudar nas despesas de casa, Érico trabalhou como bancário, balconista de farmácia e desenhista. Na escola, ele não tinha muita habilidade com números, mas era excelente em redação. Casou-se em 1931, teve dois filhos, Clarissa e Fernando, em 1932 publicou seu primeiro livro de contos, “Fantoches”. Após este, ele deslançou na carreira literária, até chegar em uma de suas melhores obras.

Um Lugar ao Sol é um livro fascinante, está classificado na arte literária como Romance da Geração de 30. Érico, nos apresenta um comovente e otimista retrato da vida de nossa classe média-baixa.

Quase todos os personagens passam por dificuldades na vida antes de ganhar a fama. Através de sonhos, lutas e frustrações de pessoas comuns, ele parece descrever a história de sua vida e de muitas pessoas.

Desta forma, Um lugar ao Sol passa ao leitor uma esperança positiva para a luta do nosso dia-a-dia, elevando a auto-confiança do leitor em seus valores e forças para enfrentar a vida.

Diego Zanoni Lunardi
3ª Série B

Avante Soldados: Não Recuem

Da mesma forma em que os medos de uma guerra eram outros- e não o de morrer- hoje o homem tem medo do próprio homem. A primeira coisa que vem à cabeça quando se fala em guerra é a morte, o sangue. Mal sabíamos nós que o principal medo de quem estava em combate não chegava nem perto da morte, ia muito mais além, além da imaginação...

Deoníseo da Silva mostra bem esse lado da Guerra do Paraguai. O lado irreal, da imaginação, das alucinações. O medo de figuras folclóricas brasileiras. Para os soldados não existia a preocupação com a morte que estava tão perto, pois ela apenas seria resultante da bravura e do patriotismo exercido no campo de batalha. A ameaça não vinha das armas dos exército inimigo, e sim de maldições, de pragas, ou de espíritos malignos.

Nos dias de hoje a ameaça já aparece desde quando saímos da porta de casa. O pavor está em cada esquina, em cada beco. Se antes existia guerra por pedaços de terra ou pela supremacia de um povo, hoje existe a guerra pela sobrevivência.

Mais de um século se passou desde a Guerra do Paraguai e o que se vê é a morte nas ruas, é criança com armas nas mãos, é o medo um dos outros. Isso impede-as de viver! A luta por água que é essencial se vê nesse país tão rico por natureza. Homens se matam por não terem chance de sonhar. Ai se o Saci Pererê fosse o medo da sociedade...

Guilherme Rocha
3ª Série C

Dissertação sobre as narrativas do Vestibular UFSC/2001.

Olinda-Maria Azevedo Machado
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
2000

Brasil

Violência?
não é novidade.
Respeito?
sempre faltou.
Saúde?
já quase acabou.

Aqui é assim:
trabalhar, trabalhar, trabalhar
e nada ganhar

Eu sei como é difícil acreditar,
mas essa zona ainda vai mudar!

Júlia Salles
4ª Série A

Falcão é igual ao gavião
voa, voa
e pousa no chão

Se ele enxerga um bichinho lá no céu,
desce para pegar,
deixando rastros
feito um véu.

Falcão, um pássaro do poder
que na Europa
os homens lutam para ter.

Kalliny Marques da Silva e Souza
4ª Série A

Os funcionários públicos federais
estão quase sem nenhum dinheiro,
mas se matam de trabalhar
dando duro o dia inteiro

Sete anos sem reajuste,
vê se não é de se incomodar?
Não sou funcionária pública,
mas tenho direito de me irritar.

E o tal de FHC?
Votaram nele, mas e agora?
O rolo só aumenta mais
E o dinheiro pra chegar, demora.

Marihá Ramos
4ª Série A

A atividade surgiu da curiosidade dos alunos em relação a palavra TROVADOR, quando liamos uma crônica onde continha essa palavra. Então levantamos os conceitos que os alunos tinham sobre a palavra e em seguida fomos ao dicionário. No dia seguinte um aluno trouxe um livro com várias trovas, lemos algumas e propus que cada aluno pensasse num tema e criasse uma trova. Curtiram muito essa atividade!

Elisa Pitz Goulart
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental

2001

Minha mãe

Minha mãe tem muitas qualidades. Ela é carinhosa, amorosa, brincalhona, amiga e inteligente.

Eu logo percebo quando minha mãe está triste porque ela fica muito quieta, com o olhar caído e fica direto deitada na cama.

Eu sei quando minha mãe está alegre: ela mostra um sorriso bem bonito, me leva para passear e está de bem com a vida.

Minha mãe me deixa muito feliz quando me leva no Shopping e no teatro, quando deixa meus amigos irem na minha casa e quando me leva nos aniversários dos meus amigos.

Para deixar minha mãe feliz eu ajudo a fazer faxina, lavo louça, arrumo o meu guarda-roupa, minhas bonecas e meus ursos.

Minha mãe espera de mim que eu não brigue e que eu seja obediente, carinhosa e bem estudiosa no colégio.

Bárbara da Silva
2ª Série A

A proposta de trabalho era fazer uma reflexão baseada no seguinte título: “Há gestos que dizem mais que palavras”.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

A vida em outro planeta

Sempre escutei as pessoas discutindo se há vida em outro planeta. Algumas dizem que é impossível, outras acreditam e até afirmam terem visto esses nossos vizinhos.

Ontem estava caminhando para casa à noite. As estrelas pareciam pequenos diamantes, pois possuíam um brilho intenso.

Resolvi então sentar e ficar admirando aquele céu, que nunca tinha visto tão claro e limpo. Sentei numa praça e enquanto olhava as estrelas comecei a pensar em várias coisas. A primeira coisa que pensei era como aquilo tudo surgiu? A partir do quê se formaram os planetas e as estrelas? Isso me fez pensar se em todo o universo somos os únicos seres vivos.

É difícil pensar que em um espaço tão grande só haja um planeta habitado. Não temos a mínima idéia do tamanho do universo e nem sabemos quantos planetas existem. Talvez a muitos e muitos milhões de quilômetros daqui exista um planeta habitado por pessoas verdes que fazem experimentos científicos, ou então que existam seres menos avançados que a gente, ou até mesmo haja um planeta habitado por seres unicelulares sem o dom de pensar.

Na verdade não importa como essas criaturas são, o que importa é que existam. Quem sabe mais tarde esses seres unicelulares sem o dom de pensar não se tornem seres extremamente inteligentes e descubram qual é a nossa importância no universo e como surgimos? Nós mesmos não sabemos de onde viemos. Quem sabe, há muito tempo atrás, não fomos seres unicelulares sem o dom de pensar?

Uma coisa eu não acredito: que algumas pessoas realmente viram alienígenas. Posso estar enganado, mas não acredito que eles venham nos visitar. Não acredito que tenham nos achado.

Não sei... Só sei que eu, habitante de uma galáxia entre não sei quantas, a galáxia Meryontar, e habitante de um planeta entre outros que não tenho a mínima idéia da quantidade, o planeta denominado Khelderín, quero que esses planetas, habitados ou não, continuem sempre formando esse lindo céu. Que eu possa ir, à noite, naquela praça, sentar, admirá-los e continuar me fazendo perguntas sobre o Universo. A resposta acredito que tão cedo não irei encontrar.

Fernanda D'ávila de Oliveira
7ª Série B

Milton Pereira
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Ônibus

Esse carro é de grande porte,
É chamado de latão.
Também é nosso transporte,
É o querido “Busão”.

Tem motorista e seu lacaio,
O lacaio cobrador.
Dando sempre bronca a raio,
Faz sofrer até coador.

Seu lacaio em seu posto.
Fazendo sua cobrança,
Já passagem, preço “a gosto”.
Faz perder a esperança.

Pior é busão lotado,
Mas que lata de sardinha!
Porém, bom para os namorados,
É ficar na apertadinha.

Eu sem grana vou pegar,
Esse latão apertado.
E pretendo em casa chegar
Nem um pouco desanimado.

Thiago Umberto Pereira
8ª Série C

O Lugar

Um lugar bem distante
Onde todos sonhos são constantes
Nome dele?
Ninguém sabe.
É um lugar bonito, diferente, contente
É o lugar da gente.
Gente que sonha, ama, acredita
E se não der certo, grita!
Lugar onde deixamos a tristeza
Levamos toda a beleza.
Deixamos a dor,
Levamos amor. Para achá-lo?
Procure amar e sonhar
Que tudo vai passar.

Liz Meneghelo de Abreu
8ª Série C

Apreciamos e interpretamos o poema “Lua nova” de Manuel Bandeira, e então, reconhecemos alguns aspectos da linguagem poética: versos brancos, versos livres, estrofes, ritmo, sonoridade, estilo e o próprio reconhecimento da arte de escrever.

Num outro momento, lemos “A rua” de Guilherme de Almeida, texto rimado e sem métrica.

Ao produzirem seus próprios poemas, os alunos poderiam usar versos rimados ou não, e o tema era livre. Paixão sim era preciso, para criar algo inusitado e belo da vida.

Tânia Mara Cassel Trott
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Do pomposo e exagerado ao íntimo e simples

Se no início do século XVII durante o período Barroco, são construídas igrejas e palácios solenes que causam no homem uma mistura de respeito e admiração por aquilo que significam: Poder de Deus e Poder do Estado, no século XVII são construídas casas graciosas e belos jardins anunciando o novo sentido da vida.

Não mais a exuberância do ouro, do mármore, mas sim pedras e metais mais simples, as cores sérias, preferem-se o pastel, o verde, o rosa. Ao pomposo e exagerado preferem-se o íntimo e o frívolo.

Em 1768 com o lançamento de OBRAS POÉTICAS de Cláudio Manoel da Costa, surge o arcadismo propriamente dito.

As principais características do Arcadismo são “a filosofia do Iluminismo, o despotismo esclarecido (fenômeno típico do século XVIII)”. A volta dos modelos clássicos, para os árcades. Só a imitação dos clássicos asseguraria a vitalidade, o racionalismo e a simplicidade da obra literária. Ao contrário do Barroco que é urbano o Arcadismo propõe uma aproximação com a natureza e há uma exaltação da simplicidade do campo em oposição ao artificial da cidade.

É no arcadismo que pela primeira vez encontramos uma literatura mais brasileira. No Brasil o arcadismo também foi chamado de Escola Mineira, pois é em Minas Gerais que encontramos os grandes poetas árcades.

Tomás Antônio Gonzaga considerado o melhor e mais importante poeta árcade (1744-1810) escreveu Marília de Dirceu e Cartas Chilenas, Cláudio Manuel da Costa é um poeta lírico e épico escreveu Obras Poéticas; Manuel Inácio Alvarenga poeta lírico escreveu Glaura; Alvarenga Peixoto, poeta que participou da Inconfidência Mineira, seus poemas foram reunidos em Obras Poéticas ou apenas em Obras; Basílio da Gama, um dos principais arcadistas, escreveu a epopéia o Uruguai; Frei José de Santa Rita Durão que teve como sua principal obra o Caramuru.

Por fim, podemos dizer que de oposição ao Barroco e aproveitando a vida em harmonia com a natureza fez-se o Arcadismo. Com os poetas árcades vemos que a razão, a clareza, a simplicidade nos trazem uma lição de vida nova.

E como diriam esses poetas que tiveram a glória de escrever esses maravilhosos poemas líricos e épicos citados anteriormente “Carpe Diem” aproveitem o presente, o futuro um dia ele virá.

Juliana Furlani
2ª Série A

Em busca do equilíbrio

Naquela época já existiam grandes centros urbanos, não tão devastadores quanto os que existem hoje em dia. Mas já era o bastante para desequilibrar emocionalmente o estado de espírito das pessoas que viviam naquela época. Era um pensamento um pouco diferente de hoje em dia, mas o objetivo é o mesmo do que muitos procuram, que é a paz interior de um modo alternativo.

No período em que surgiu o Arcadismo, o tinha sido excluído, pois já estavam cansados daquela forma exagerada que eram as obras do Barroco, fazendo com que as pessoas pensassem numa maneira mais suave de ver o mundo. Eles queriam algo que não só fosse bonito, mas que ajudasse a vida agitada das pessoas, criando um estilo bem relax, com poesias onde se encontravam bastante palavras relacionadas, principalmente, com a natureza, que fazem esquecer tudo o que há em volta por um instante pelo menos, e também para fortalecer a espiritualidade que existia em cada um. Às vezes até criavam um pseudônimo para representar esse submundo (que era fingimento poético) como por exemplo, Cláudio Manuel da Costa que tinha como pseudônimo Glauceste Satúrnio. Como características dessas produções eles usavam uma linguagem fácil de se entender e simples de se interpretar. Mas claro que essas pessoas eram influenciadas devido ao seus estudos, alguns deles com jesuítas e também estudando no exterior.

Atualmente as pessoas estão procurando outros modos de espiritualidade, para se abrigar do estresse, que nos persegue vinte e quatro horas por dia, nesses centros urbanos infernais, se comparando com os da época do Arcadismo. Muitos realmente vão para lugares isolados do agito.

Cada vez mais as pessoas, desde o séc XVIII até hoje, estão procurando viver em sintonia com coisas naturais, ou tentando alcançar o equilíbrio emocional para melhorar a qualidade de vida, só tendo a ganhar benefícios atrás de benefícios.

Alexandre Kindermann Bez
2ª Série D

Texto produzido a partir de atividades sobre o Arcadismo.

Olinda-Maria Azevedo Machado
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Conhecendo o Universo

Sonhei que estava navegando no Universo, quando encontrei e comecei a conversar com um astronauta.

Eu logo perguntei:

- Que cor é a Terra?

- É azul!

- Por que é azul?

- É porque a Terra é o único planeta que tem água e oxigênio.

- Você que ver o planeta Terra?

- Sim.

Mas na hora, minha mãe me acordou, eu tinha que ir para a escola.

Cheguei da escola, almocei e fiz a tarefa de casa e fui dormir, eu estava louca para sonhar outra vez com o espaço, mas não consegui dormir.

Débora Elpo Silveira

3ª Série A

Uma viagem muito boa

Sonhei que estava navegando no Universo, quando encontrei e comecei a conversar com: Yuri Gagárin.

- Yuri Gagárin, o primeiro homem a ir à Lua, o que você está fazendo aqui? Pensei que você tinha morrido?

E ele respondeu:

- Eu não morri, você está no tempo que eu fui viajar no Universo.

- É Yuri, você tinha razão, o planeta Terra é mesmo “azul e lindo”.

- Mas para onde você está indo viajar?

E ele respondeu de novo:

- Eu estou indo viajar para...

De repente eu acordei no meio da madrugada e fiquei pensando em Yuri Gagárin e eu disse:

- Puxa, como eu queria ser um astronauta como ele!

Vinícius de Carvalho Machado
3ª Série A

Dar continuidade ao texto iniciado: “ Sonhei que estava navegando no Universo, quando encontrei e comecei a conversar com...”.

Izabel Cristina Vieira de Oliveira
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Revolução

Fim de tarde sombria.
Torvo e pressago todo o céu nevoento.
Densamente chovia.
Na estrada o lodo e pelo espaço o vento.

Monótonos gemidos
Do vento, mornos, lânguidos, sensíveis:
Plangentes ais perdidos
De solitários seres invisíveis ... (Cruz e Sousa)

A noite cai de repente
Trazendo consigo a total escuridão.
Sinto tudo tão próximo e presente
Porém, estou tão perdido, sem direção.

Surgem ao longe, na última esquina
Sinais de vida, movimentos furtivos.
Cheiro de dor e raiva se aproximam
Nos paus e pedras de uma eufórica multidão.

Espreita pelas fachadas o vento.
Na rua, em minha volta, os marginais
Que se escondem sob o assovio agourento,
Cometendo pecados capitais.

Estou estarecido com este tumulto.
Não entendo se é certo ou se é errado,
Se é grosso como couro ou macio como veludo.
No entanto, fico estático, parado.

Paira sobre mim uma estranha cumplicidade.
Apesar do silêncio, o ar de comemoração.
Estar junto deles eu sinto vontade,
Lá se foi mais um antro de exploração.

Carlos André Zucco
3ª Série A

Mal sabia eu

Fim de tarde sombria.
Torvo e pressago todo o céu nevoento.
Densamente chovia.
Na estrada o lodo e pelo espaço o vento.

Monótonos gemidos
Do vento, mornos, lânguidos, sensíveis:
Plangentes ais perdidos
De solitários seres invisíveis ... (Cruz e Sousa)

Ela estava lá
No apogeu dos mistérios
Embragada em uma tenra manta.

Lascívia em seu corpo
Incumbida em seus desejos
Corpo avassalador ...

Mirou-me
Infligiu-me seu sortilégio
Adentrou-me n'alma
Com calafrios do prazer

Envolto pela magia que transcendia
Em meu corpo alucinado
Mal eu sabia
Que sucumbia em pó.

Luciana Cristina Assini
3ª Série A

Esta produção em verso foi desenvolvida a partir da exploração de duas estrofes iniciais de um poema de **Os Últimos Sonetos** de Cruz e Sousa. Os alunos, sem conhecer o título dado pelo poeta, são instigados a, inicialmente, explorar a ambientação, as sugestões do poema. Após socializar as impressões, os alunos produzem seu próprio texto. Esta atividade serviu como introdução ao estudo do Simbolismo.

João Nilson Pereira de Alencar
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
1999

O aniversário da bruxinha

Era uma vez uma escola de bruxas e magos. A escola se chamava “Feitiço e Olhos de Salamandra”.

No recreio uma bruxinha que se chamava Malvadinha disse que sábado era aniversário dela e queria convidar alguns amigos.

- Sombrio, você quer ir ao meu aniversário?
- Não dá, tenho dentista.
- Mago Marlin, você quer ir ao meu aniversário?
- Desculpe, eu tenho que acabar com umas magias.
- Bruxa Onilda, quer ir ao meu aniversário?
- Lamento, eu tenho que viajar no tempo.
- Arrepio, você quer ir ao meu aniversário?
- Sim, quero!
- Então tá, vai ser à meia noite e em vez de bolo, vai ser sopa de lagarto.

A bruxinha esperou até que veio a amiga dela, se divertiram para valer e foi uma festa e tanto.

Bruno Landivar Lellis
3ª Série A

A cabeça do gato

Era uma vez, uma bruxinha chamada Sara e ela estava fazendo um bolo de aniversário, então ela estava fazendo um bolo para sua festinha.

Ela estava conversando com seu gato, mas de repente sua amiga chegou correndo com um presente na mão e gritando PARABÉNS !!! Não viu o gato e deu na cabeça dele.

A dona dele nem ligou, foi logo pegando o presente.

A Sara disse:

- Amiga que bom te ver!
- Abra o presente!
- Que lindo, vou usar para a decoração da festa!
- Vai ter o quê na festa?
- Vai ter morcegos acrobatas, baratas dançantes e trem fantasmas.
- E para comer hein?
- Bolo de maçã podre, docinhos de cérebro de rato, salgadinhos de ossos podres e de perna de rã.
- Quantas coisas gostosas, bom eu vou me arrumar para a festa, tchau amiga!
- Tchau!

Ana Paula Silva Hining
3ª Série A

Escrita a partir de uma seqüência de gravuras.

Izabel Cristina Vieira de Oliveira
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Passeata pela Universidade

Hoje, dia 7 de maio, quinta-feira, nós alunos da 1ª e 2ª série A do Colégio de Aplicação, fizemos uma passeata até a Reitoria.

Antes nós passamos na assembléia dos professores da UFSC, para dar apoio e defender o nosso Colégio de Aplicação. Falamos algumas frases de apoio à greve. Os professores se emocionaram e aplaudiram de pé.

Sáímos da assembléia e fomos para a Reitoria, na Sala dos Conselhos, falar com o Reitor. Quem veio falar com a gente foi o Vice-Reitor, professor Lúcio Botelho. Ele falou sobre a situação da Universidade e a Ana Luíza leu um texto pedindo mais atenção para o Colégio de Aplicação. Ele prometeu responder as cartas que nós mandamos, na próxima semana.

Uma jornalista da rádio CBN-Diário convidou cinco alunos do Colégio de Aplicação que estavam no grupo para uma entrevista. Um dos alunos convidados fui eu. A jornalista nos fez várias perguntas sobre a greve da UFSC e nós respondemos.

Depois da entrevista voltamos para o Colégio de Aplicação.

Filippi Deluca Moraes
2ª Série A

O ano de 1998 foi marcado por muitas atividades à favor da educação e da manutenção do Colégio de Aplicação na UFSC. Entre tantas, foram feitas cartas, abaixo-assinados, passeatas e manifestações públicas. Ao término de uma destas atividades, a passeata, foi feito em sala de aula o registro da mesma.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
1998

Imaginação

Numa noite de lua cheia eu fui dormir, quando escutei um barulho. Fui ver o que era e estava tudo escuro. Não tive coragem de acender a luz, parecia que alguém estava caminhando. Então eu pensei: deve ser meu pai tomando água na cozinha.

Quando eu estava voltando para o quarto, me lembrei que estava sozinha em casa, pois meus pais haviam saído para comemorar seus oito anos de casados. Fiquei preocupada!

Ao abrir a janela, a luz da lua iluminou uma parte da casa. Quando eu olho para a frente vejo um monstro horrível. Dei um berro tão alto que acho que todo o prédio escutou.

Saí correndo para o quarto dos meus pais e liguei para o celular dele. Contei tudo o que estava acontecendo, que tinha um monstro atrás de mim e dizendo que ia me matar. Então eles vieram correndo para casa.

Quando chegaram acenderam a luz e viram uma pilha de roupas sujas. Comecei a rir pois tinha imaginado aquilo ser um monstro. Mas quanto aos passos e a voz, continuaram. Foi quando meu pai viu a torneira pingando e a minha mãe viu a TV ligada, passando um filme de terror.

Meus pais e eu rimos muito da minha IMAGINAÇÃO.

Gabriela Sens Bonetto
4ª Série C

Dentre outras atividades de produção textual, os alunos ouviram uma música sobre imaginação e em seguida escreveram belos textos.

Maria Clarete Borges de Andrade
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Uma mentira às vezes cai bem

Certa vez, no bar da esquina, um lugar onde eu ia todo final de tarde tomar umas cervejinhas, encontrei o meu amigo Paulo. Falamos um do outro, bebemos algumas, até que então comecei a falar sobre a minha vida:

“Estava eu, num domingo, numa bela praia de Floripa, pegando um sol, quando de repente comecei a ouvir gritos e mais gritos pedindo ajuda.

Levantei, olhei para o horizonte e lá estava um salva vidas socorrendo uma menininha: fraquinha, loira, de estatura baixa. Parecia estar perdida de seus pais, nenhum estava ali no momento em que se afogava. Logo a retirou das águas profundas do mar, foi muito difícil, haviam muitas ondas no momento e o mar estava puxando muito. Chegou na areia e a multidão a cercou.

Já, já começaram a surgir perguntas:

- E aí, ela está bem?

- Como ocorreu isso?

E muito mais.

A única coisa que ele respondeu foi que menininha teve sorte, porque estão faltando salva-vidas e ele não consegue atender a todos e que precisam de pessoas para essa profissão.

Logo me toquei, pensei: “Essa é uma boa oportunidade para eu me dar bem na vida, já que estou desempregado, terei um jeito de conseguir dinheiro. O único problema é que eu não sei nadar, mas eu dou o jeito”.

Fui para casa, um ambiente meio escuro com pouca iluminação, meio úmido, onde passei o resto do dia e a noite.

Já de manhã, fui me informar como que eu faria para ser salva-vidas e já acabei me tornando um deles. Foi muito simples, cheguei no local e logo fui atendido por um cara forte, alto, mas muito simpático. Perguntou o que eu desejava e eu disse meu objetivo. Ele concordou e fez meu cadastro, a partir do outro dia já estaria empregado.

Depois disso tudo, fui compartilhar a minha alegria aqui nesse bar, saí daqui bêbado. Já era de madrugada.

De manhã foi difícil eu acordar, a cama me chamava, quase que resisti aquela maciez, quentinha, confortável, só faltava uma bandeja de café ao meu lado.

Por pouco não cheguei atrasado no meu primeiro dia de trabalho. O dia estava ensolarado, com poucas nuvens no céu, a praia ficou lotada de gente. O mar estava

muito agitado, provavelmente aquele dia eu teria bastante trabalho.

Foi dito e feito, surgiu o primeiro caso. Fiquei extremamente apavorado, afinal, não sabia nadar. Até que então, resolvi pegar o pranchão, uma coisa grande que os surfistas usam para surfar. Logo, logo estava eu na água socorrendo aquela mulher gorda, morena e escandalosa. Foi muito difícil e rápido, afinal era a primeira pessoa que eu havia socorrido.

Depois desse vieram muito mais casos. No final do dia, a noite já havia caído, o céu estava estrelado e escuro, fui para casa descansar, afinal, estava muito cansado.

Passou-se um ano e ninguém conseguiu descobrir, que eu não sabia nadar, ou eu não seria ainda salva-vidas!

Um dia desses, fui chamado por um cara gordo, baixo, para participar de um concurso de quem era o melhor salva-vidas. Ele iria acontecer dois dias depois, lá na Praia Mole, um lugar onde os surfistas gostam de ir.

Esses dois dias passaram muito rápido e o infeliz dia chegou.

Fizeram testes de resistência na água, para ver quem ficava mais tempo embaixo da água. Até que eu me dei bem, logo após ocorreram muitas outras.

No período da manhã, já haviam acabado todas as provas. Ficamos um tempo descansando e fui almoçar. A comida era deliciosa, aquele feijão estava muito bom.

Almocei e fiz a digestão, estava muito nervoso, a próxima prova seria uma corrida de natação e afinal, eu não sabia nadar.

Chegou o momento da corrida, fiquei em pânico, todos ficaram.

O homem apitou, todos se jogaram na água, inclusive eu. Não sabia o que fazer, até que então comecei a mexer os pés e os braços, por incrível que pareça eu consegui nadar.

Tiveram muitas outras provas e eu me dei bem. O dia estava acabando e o concurso também, fui para casa feliz e não tive mais problemas em nadar, a partir daí, eu comecei a salvar todos nadando”.

- E foi assim Paulo, que eu me dei bem na vida, você até pode ver, carro do ano que eu tenho, a casa nova...

É às vezes uma mentira cai bem.

Gustavo John Roesner
8ª Série B

Sorte, talento e malandragem

Há dois anos atrás, eu morava em uma cidadezinha no interior do estado do Pará. Ela era rica em natureza, cheia de cachoeiras e sem muitos problemas, às vezes apareciam alguns ladrões. Suas casas tinham todas o mesmo estilo, com apenas um andar e poucas janelas, mas bem organizadas. As ruas eram bem limpas e todas calçadas com lajotas e muitas placas de sinalização.

Apesar de eu ter 28 anos, eu ainda morava com minha mãe, meu pai e meus três irmãos. A casa era simples, até que boa por sinal e tínhamos uma vida saudável. Eu ajudava meu pai em seu bar, que era todo feito de madeiras, prateleiras com bebidas, principalmente cachaças, e bancos do lado de fora.

Certa vez, quando eu estava no caixa, uma senhora muito humilde, com sandálias de dedo, camisa de político e “cabelos ao vento” entrou. De repente ela larga suas sacolas no chão e grita:

- Seu Ari da Silva, não acredito que o senhor está aqui!

Para vocês que não sabem, Ari da Silva é um ator muito famoso que já trabalhou em várias novelas. Assim que ela falou isso, uma outra mulher muito rica, com pulseiras, colares e brincos de ouro, uma bolsa de couro e muito bem vestida entrou. Quando ela ouviu isso, imediatamente olhou para mim e falou:

- Nossa, é verdade!

Então, a senhora rica aproximou-se de mim e perguntou se eu não queria comparecer em sua festa de aniversário no dia seguinte.

Eu pensei bem e vi que não ia ter outra oportunidade dessa, então aceitei.

No outro dia, lá estava eu na festa. A maioria das pessoas estavam de terno e gravata e as mulheres com belos vestidos. A festa estava muito bem organizada e a casa da moça mais ainda. Existiam belos quadros com molduras em mogno e cada ambiente da casa combinava com o outro. A sala onde acontecia a festa era muito espaçosa.

Para comer nada de exageros, apenas alguns frutos do mar e caviar. Mas também havia saladas e frutas. Para beber, whisky, vinho, champagne, sucos e refrigerantes.

A essa altura todos acreditavam fielmente que eu era Ari da Silva, em carne e osso. Até que em certa hora da festa, uma pessoa me chamou num canto da sala e falou:

- Eu sei que você não é quem todos pensam, sou amigo do Ari e quando acabar a festa vou contar a todos que existe um mentiroso aqui.

Acabada a festa ele foi em seu carro buscar algo, neste momento, assaltantes o abordaram e seqüestraram-no. Ninguém percebeu e ao mesmo tempo, um grupo de

jovens artistas, que eram os únicos a se vestirem de um jeito diferente dos outros, com roupas de jovens, com calças longas de jeans, cabelos pintados e blusas de marcas, me convidaram para participar de sua peça teatral. Era uma comédia sobre o nosso dia-a-dia e seus inconvenientes, como limpar o bebê, ter de ir pagar contas, suportar a mulher ou o marido. Novamente após pensar eu aceitei.

Depois de muitos ensaios chegou finalmente o dia da apresentação, fizemos um espetáculo estupendo. No final contamos com oito participantes e o público achou a peça o máximo e riram muito.

Fui para casa e após tomar meu banho, recebi o telefonema de uma empresa portuguesa. Perguntaram-me se eu não queria trabalhar lá como ator. Aceitei no ato a proposta e após uma semana estava no aeroporto pronto para a viagem com toda a minha família.

A viagem foi um sucesso, não tivemos de agüentar a turbulência, fomos bem atendidos e os bancos eram ótimos.

Hoje vivo aqui, não tenho problemas de saúde, moro em um lugar perto do centro, de fácil localização, perto das lojas de utilidades e com muitas áreas verdes. Minha casa é muito bela, tem dois andares e com paredes cor de pêssego. Além disso, comprei para deixar na sala uma estátua de bronze, é um belo pastor alemão de boca aberta com dentes e língua afiados.

Tenho emprego garantido e ganho muito bem.

Thiago Linhares Bilck
8ª Série B

No período de estágio, os graduandos do Curso de Letras-UFSC, Eliane Coelho e Jânio Tomé, realizaram o estudo dos Contos: “O homem que falava javanês” de Lima Barreto e “A aula de inglês” de Moacir Scliar e neles reconheceram os Elementos da Narrativa. Assim, os alunos obtiveram subsídios para construção do seu próprio texto, versando sobre a farsa, a mentira, o engano, para poder vencer na vida e tornar-se importante no seu contexto social, temática esta presente nos textos dos autores acima citados.

Tânia Mara Cassel Trott
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Freedom

Where am I?
This darkness.
I still do not know who I really am.
I only remember that yesterday I was a small larva.
Little by little, I am developing and discovering
Who I am.
I feel that wings are growing within me.
Slowly rays of light invade this darkness.
My space for freedom is increasing.
I am still weak.
Blood runs in my veins.
My body is different.
Finally, I get my freedom.
I only see the sky and lights.
I am free to fly.

Bruno Cardoso da Silva
Jeferson Florindo Oliveira
Leonardo Valenza
8ª Série A

Earth

I am Earth yesterday.
I was peaceful,
without pollution.
In me there weren't
any fights.
Neither was there inequality -
Only happiness.

I am Earth today.
I am dying.
I am suffocating.
Too much pollution.
Only fights.
In me there isn't
a heart.

Fernando John Roesner
Mariano Moura Melgarejo
8ª Série C

Os trabalhos aqui apresentados fazem parte de uma proposta de ensino de língua estrangeira baseada em dois eixos centrais: na técnica natural de aquisição lingüística, onde se dá ênfase ao desenvolvimento da fluência na construção de discursos significativos e no estudo de elementos lingüísticos determinados, e também ao desenvolvimento da precisão lingüística e, conseqüentemente, comunicativa.

Todos fazem parte de diferentes situações didáticas, de projetos, com propósitos específicos. No caso dos textos abaixo, o projeto do primeiro bimestre de uma turma da 8ª série, se buscava a criação de textos de diferentes linguagens artísticas que explanassem sobre a temática "A Vida Ontem x A Vida Hoje" ["Life Yesterday x Life Today"]. Entre máquinas de tempo, peças teatrais e poesias, apresento duas expressões poéticas então elaboradas.

Vera Maria Drews Guimarães
Professor Orientador/ Língua Inglesa
Ensino Fundamental
2001

Quando amanhece

Ao ouvir o relógio despertar
corro e vou me arrumar.
O café já está na mesa
porém, comer nem tempo dá.

O ônibus logo vem
tenho que correr para pegar.
O coração bate forte
com medo de eu me atrasar.

Bárbara Cordeiro
6ª Série B

Quando acordei.
Pela janela olhei,
vi o arco-íris
bonito como sempre.

Fui escovar os dentes,
quando estava acabando,
o ônibus passou.
Fui correndo alcançá-lo,
peguei-o,
e fui para a escola.

Quando lá cheguei,
Abri a mochila,
Não vi o meu penal,
Que era tão legal.

Romário Ricken
Alysson da Rocha Ferreira
6ª Série B

A sala foi organizada em seis fileiras. De forma intercalada, cada duas representou uma classe de palavra: o substantivo, o adjetivo e o verbo. Os alunos de cada fila disseram uma palavra relacionada à classe determinada. Relacionadas no quadro, os alunos escolheram algumas e elaboraram o “poema-surpresa”.

Maristela Medeiros
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

O time da vila

Era uma vez uma rua que se chamava Rua da Palmeiras.

E um menino que morava na rua teve a idéia de chamar seus colegas e montar um time de futebol.

Todo mundo aceitou, mas eles não tinham dinheiro para comprar o uniforme.

Tiveram uma brilhante idéia!

Cada um vai fazer algum trabalho para ganhar dinheiro: Bruno, trabalhava vendendo garrafas, o Joãozinho capinando, João Carlos engraxando sapatos e Mateus vendendo jornais.

Assim, conseguiram o dinheiro para comprar os uniformes.

Compraram, vestiram, foram jogar e ganharam o jogo.

Bruno Teixeira Silva

2ª Série B

Aproveitando seus relatos de acontecimentos pessoais, para reproduzirem seus próprios textos.

Valéria Cecília Moreira
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

TV para cachorro

A situação que estamos vivendo hoje é uma verdadeira farsa. As questões discutidas sobre o apagão, por exemplo, são maneiras de encobrir os problemas que realmente preocupam no momento.

No Jornal Nacional da terça-feira (22/05), exibido pela Rede Globo, foram “dedicados” 20 minutos de programação para noticiar o problema do apagão e somente 3 minutos para informar os brasileiros sobre os acontecimentos do senado.

Nosso querido amigo FHC, “convidou-nos” a participar de um joguinho contra o apagão. As regras abaixo deverão ser respeitadas por “todos” os participantes:

- economizar energia supérflua: diminuir a quantidade de banhos durante a semana. Banho só nos sábados, pois o vigário adora seus fiéis cheirosinhos;

- desligue o freezer: nada de comprar carne quando estiver com o preço mais acessível. Fica proibido estocar sorvete (ou qualquer tipo de alimento) de um ano para o outro.

- não desligue seu computador: a rede mundial de computadores é tão insignificante. Não vale a pena perder seu tempo “navegando” na Internet, adquirindo muito conhecimento. Queremos você como um ser humano bem manipulável.

- ferro de passar: deixe de lado seu ferro a vapor e, utilize o prático e leve ferro à brasa. Econômico e eficiente: deixa suas roupas com um suave odor de fumaça.

Porém, os donos das distribuidoras, pobres coitados, não podem ser afetados com isso. Portanto, o governo estipulou uma multa para quem usar mais energia que a quantidade que eles julgam suficiente. Nessa brincadeirinha, pagaremos mais e usaremos menos.

AS REGRAS FORAM IMPOSTAS, AGORA CAI A CORTINA...

Começa o jogo, apagou-se a luz. Entram em ação os adversários mais perigosos, eleitos pelo povo: políticos corruptos.

Estes políticos roubam durante a disputa, tornam-se os poderosos dentro deste jogo inútil. E nós, os inocentes participantes, estamos nessa batalha perdendo. E o que nos resta? Tapar os buracos, os rombos econômicos que estes jogadores trapaceiros causam dentro de nosso país. Por isso, a elevação da tarifa e as multas.

Agora, apagam as luzes para que ninguém os veja roubam o pouco que ainda nos resta. Não estão nem aí com a iminente elevação dos índices de criminalidade e mortalidade da população. Só vão sentir quando um filho deles for assaltado, baleado ou estuproado.

Água e luz, até quando? Respeito pelo povo que os elegeram, cadê? Se o governo, que é quem deve coordenar este país age desta maneira, quem coordena essa república?

Aline Pereira
Andréia Diane Freitas
Diógenes Rigo Silva
Gustavo José Valério Maia
2ª Série C

Apagão? Só no povão

Todo mundo economizando
pra poder pagar as contas
o salário é pouco
mas até que segura as pontas

De repente os gastadores
que esbanjam de montão
vêm e reclamam do povão
e inventam o apagão

Para diminuir o gasto
chegam a ficar no escuro
enquanto isso os que gastavam
param de abusar
levam a fama da economia
e ainda no claro vão ficar

E o POVÃO coitado
com fama de irracionalização
acabam sem alternativa
e ficam no escurão

Enquanto isso os poderosos
Ameaçam o povão
OU VOCÊS ECONOMIZAM
OU EU AUTORIZO O APAGÃO!!!

Camila de Borja
Carolina Brasil
2ª Série C

Prática de dissertação. Tema: O apagão.

Olinda-Maria Azevedo Machado
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Felizes para sempre

Em uma casa velha, bem longe daqui, viviam Renata e Tico. No seu lar, em cima de uma árvore, cantavam o dia todo. Renata e Tico eram um casal de beija-flores que adoravam voar acima das nuvens.

Um dia, Renata teve três filhotes que cuidava com muito carinho. Dava comida, água, etc... Mas o problema era, com qual nome batizá-los. No mesmo dia o pai foi buscar ajuda com seu amigo Eduardo, que era um João-de-barro.

- Não sei o que fazer, melhor procurar ajuda com a Teca, ela irá te ajudar. Confirmou Eduardo.

Já noite, Tico finalmente falou com a Teca.

- Dona Teca, que nomes darei à meus filhos?

Ela disse apenas algumas palavras:

- A amizade, o amor e a sinceridade são as coisas mais importantes que existem.

Tico não entendeu nada, mas aos poucos concluiu que eram esses os nomes que deveria colocar em seus filhotes. Ele aprendeu que, com esses nomes, a família viveria em perfeita harmonia e que iria saber valorizar mais esses valores.

Samantha Vieira
4ª Série A

Proposta de produção de texto. Ler o trecho abaixo:

“Uma pessoa, antes de morrer, tem de plantar uma árvore, ter filhos e escrever um livro”. Já dizia a velha frase.

Então, imaginando que você fosse começar pelo livro, aproveite esse espaço para escrever um conto, curto, a não ser que você resolva escrever o livro inteiro.

Elisa Pitz Goulart
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Minha conversa com a paineira

Um dia estava indo para a biblioteca e vi aquela árvore tão linda e resolvi falar com ela.

Eu perguntei como ela nasceu e como dá essas lindas flores. Ela me contou:

“Eu era uma semente e o vento me carregou até aqui. Na mesma hora choveu e no dia seguinte eu era uma plantinha com menos de um centímetro de altura.

E eu fui crescendo, crescendo, até que um dia acordei e vi que tinha nascido uma florzinha em mim. Fiquei super feliz porque era sinal de que eu estava crescendo. E nasceu mais uma e mais uma e mais uma. Eu já tinha um metro de altura.

Primeiro veio um beija-flor morar em mim. Mas os seus filhinhos nasceram e eles foram embora. Depois foi um casal de joão-de-barro. Eles também tiveram filhos e foram embora. Depois os periquitos, mas eles tiveram filhos e foram embora. Depois foram os pica-paus e até um morcego. Mas aconteceu a mesma coisa.

Eu cresci e o Colégio nasceu. Sei qual foi o primeiro diretor e o último também.

Hoje você já estuda aqui. Vai para a biblioteca, para o bar ou passa por aqui só porque quer. E você sempre me vê aqui, não é? Mas agora não vai mais, porque eu vou ser cortada. Mas é por uma boa razão: é que um dia eu posso cair e machucar alguém...Tchau!”

Marietou Bintou Brancher Gueye
2ª Série

No dia 14 de agosto de 1995, a velha paineira que fica quase em frente ao “prédio velho”, no caminho que vai para a biblioteca, teve que ser cortada. Ela ameaçava atingir parte do Colégio, com seus galhos enrugados. Todos estavam meio inconformados com triste fim daquela árvore. E foram feitas muitas homenagens de despedida. Este texto, foi uma delas. Só pra lembrar: a paineira foi parcialmente cortada, mas conseguiu sobreviver. E está lá até hoje.

Denise Nascimento Buss
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
1995

O fim

Estava eu, no quarto, à espera que ele chegasse. Mas, como andava acontecendo numerosas vezes, ele não chegou e eu adormeci.

Ao acordar, procurei-o, mas não o achei; ele já havia saído. O trabalho exigia que ele estivesse cedo no escritório, e tudo o que ele deixou foi um bilhete, explicando sua pressa.

Esta situação já não daria mais certo, pois enquanto eu estava feliz e dedicada à sua espera, ele chegava apático e cansado demais para me notar. Sua ambição em assumir um cargo mais alto no trabalho estava tornando-o um zumbi, um morto vivo. Meu corpo já gritava por carinho, enquanto ele se preocupava com seus milhões de papéis.

Foi aí que resolvi acabar com tudo isso. Disse-lhe que, escolhesse sua obsessão pelo trabalho ou escolhesse a mim. Fui abandonada.

Sofri por um tempo, minha cabeça fervia de remorso e vontade de voltar atrás. Mas resisti.

Agora, estou relatando aqui, o acontecido, pois você meu amigo, foi quem me deu atenção durante todos estes anos, sem que eu lhe desse o devido mérito. Antes de fazer o que pretendo fazer, conto-lhe sinceramente que foste o melhor amigo que já tive e eu o agradeço por isso. Mas não conseguirei mais resistir. Ligue a TV, devem estar noticiando o meu suicídio...

Adeus, meu amigo, nunca esqueça-me.

Laura Martins Rodrigues
1ª Série D

Grande erro

A tarde de 18 de março estava fria como uma tarde de inverno. Adalberto decidiu sair mais cedo do trabalho, pegando aquela fila com trilhões de carros a sua frente. Após aquela longa espera, decidiu parar para tomar um café.

Quando entrou lá, viu sua mulher, Milene, abraçada com outro homem. Quando a viu ficou muito irritado e saiu rápido.

Milene o viu também e foi a sua procura. Ela conseguiu alcançá-lo antes que chegasse no carro. Ele falou:

- O quê? Você ainda quer falar comigo?
- Espera, é que ... - tentou responder ela, com os olhos lacrimejando.
- É o que? Ainda não vi vocês se beijarem, é isso? Se quiserem, eu volto.
- Não, é que... - novamente tentava ela, mas ele entrou no carro e saiu.

Quando Milene chegou em casa, não viu mais as roupas de seu marido e sua foto estava rasgada. Ela chorou muito. Ligou para os pais de Adalberto, que era onde ele provavelmente estaria.

Adalberto foi quem atendeu o telefone e logo sabia quem era.

- Alô- respondeu friamente- O que você quer?
- Eu queria te explicar...
- Explicar? Nada precisa ser explicado- e quando ia desligar , ela retrucou.
- Quer saber a verdade? Leia o bilhete no seu casaco.

Ele leu, nele dizia:

“Não esqueça que dia 18, chega o meu querido primo José. Com carinho Milene.”

De tão triste ele ficou feliz, pois agora estava tudo esclarecido. Ligou para Milene e se acertaram.

Bruno Felipe de Silva
1ª Série D

Para elaborar uma narrativa, os alunos receberam uma história em quadrinhos, sem texto algum. Deveriam ainda criar um narrador que assumisse uma entre três posições sugeridas: 1º como observador do que aconteceu, 2º como se fosse o homem, 3º como se fosse a mulher.

Maristela Medeiros
Professor Orientador/Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001

Sobre

Tudo

Felicidades!
Linda e bela Florianópolis;
Ontem um abrigo de índios, hoje
Ruas, avenidas,
Irritantes barulhos de carro, mas não importa.
Além do mais é considerada uma das mais belas cidades
No mundo,
O que faz de nós
Privilegiados em morar aqui. Lugar
Onde habitam peixes variados, siris e a lagoa que
Leva tranqüilamente veleiros, lanchas que a um
Instante, voltam felizes com peixes para alegria da família.
Salve Florianópolis!

Lucas Heymanns Mohr
4ª Série A

Construção de um acróstico em homenagem ao aniversário de Florianópolis.

Elisa Pitz Goulart
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Gente!

Tem **gente** branca tem gente **negra**. Tem **gente** que pode **negar** um trabalho bom e outras não.

Tem **gente** que é vegetariana e tem **gente** que come **carne**. Tem **gente** fraca, mole, desligada, mas tem outras com uma **energia!**

Ricardo Scoth
6ª Série A

O dia

Eu estava sentado num **banco** vendo o **mar**, quando passou um homem, e então eu sussurrei:

- Que **mané!**

Então o homem olhou pra mim com uma cara de **mau**, e começou a me bater.

Depois eu estava voltando pra casa, e um **cão** começou a correr atrás de mim, quando me pegou começou a morder a minha **perna** até não poder mais.

Ainda no caminho de casa eu estava andando **manco**, e com dores da cabeça aos **pés**. Então vi uma gata e falei:

- Oi **boneca!**

Então ela me deu uma surra e eu desmaiei.

Quando acordei, um enfermeiro chamado **Bruno** falou:

- Joni Bravo como está se sentindo?

Então respondi:

- Como quer que eu me sinta depois desse dia?

Beatriz Pereira da Silva
6ª Série B

A palavra ENERGÉTICA foi escrita no quadro para os alunos da 6ª Série A e a palavra PERNAMBUCO para os alunos da 6ª Série B. Solicitou-se que os alunos escrevessem o maior número de palavras possíveis, apenas com as letras desta palavra, sem repeti-las. Caso desconhecessem a sua existência deveriam procurá-la no dicionário.

Num segundo momento, pediu-se que escolhessem de cinco a dez palavras para finalizar a atividade produzindo um texto em prosa ou poético. As palavras em destaque são palavras-chave do texto.

Maristela Medeiros
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Nome e sobrenome

Que vontade de ficar ali, observando o mundo em que vivemos.

Pessoas, pacificamente, atravessam as avenidas com um rumo certo. A morte.

Em silêncio, elas morrem em grande massa, preocupando o grande acúmulo nos lixões.

Se morrerem, quem vai servir de urubu?! - pensam os ricos.

Se ficarem, preocuparão o país. Grande será o índice de desempregados.

Desempregados gostam de comer. Comem carnes, de tipos variados; verduras, em grande quantidade e variedade; massas e o melhor, bebem água com gosto. Concentram-se em grandes famílias, começando a competição. Quem pega mais.

É muito divertido e empolgante. Grita um: “Aqui tem mais!”

À noite é quando chegam em casa porque saem de manhã; todos se reúnem fazendo uma grande festa. A água com gosto de mistura com a grande quantidade e variedade de verduras e carnes; é um gole só. Amanhã, quem sabe, terá mais. Pensam.

O estômago cheio, a cabeça no sereno escutando as canções de “bang-bang”. Policiais subindo o morro. Tiros. Recolhem-se, gritam. Medo, terror. Corram! Gritos.

Silêncio total.

Sangue.

Enfim, é a realidade com nome e sobrenome, dando espaço a mortes, competição, acumulação. FOME. O estômago cheio de ar e dor, a grande quantidade de carnes e verduras em restos espalhados. A água com gosto de poluição e desesperança. Um mundo esquecido pelo desinteresse e falta de humanidade.

Quem irá dar nome a este país? Quem dirá que alguém se apresentará sendo “dono” desse país?

Sim, existe alguém.

A classe dominante. Que esconde ou tenta esconder a “cara” verdadeira de seu país. Que nem é deles.

É um país do povo, que infelizmente está sendo destruído. O nome e sobrenome deste país é MISÉRIA.

Monique Ouriques Maia

1ª Série B

Egoísmo à flor da pele

Aqui neste pedacinho de Universo, há um Brasilão carente, onde a esperança passa fome e a solidariedade se oculta.

A dona solidariedade, uma senhora gorda, grande, velha e cheia de bons conselhos para dar, foi embora para não sei onde. Simplesmente tomou um chá de sumiço!

A vida é o lenço branco, delicado e que, com um simples peteleco, se vai; talvez pegue uma carona com a dona solidariedade.

Não quero deixar meu lenço voar, nem quero perder os bons conselhos da dona solidariedade. Também não quero um mar desmaiado, com peixes envenenados de tanto egoísmo.

Queria ser bem rica, para comprar uma passagem em um ônibus espacial. Esta passagem seria uma cortesia para o senhor egoísmo. Se ele navegasse o Universo todinho em uma viagem bem longa, talvez até sem volta, seria tão bom...Aí, eu compraria outra passagem, agora seria para a dona solidariedade voltar.

Com a volta desta senhora conselheira, a esperança voltaria a se alimentar, o mar acordaria do seu profundo sono, os peixes seriam desvenenados e, assim, a luz da grande sala de amor próprio seria reacesa com muito vigor.

Letícia Campos da Rocha
1ª Série B

Como desenvolvimento do tópico da linguagem figurada e como fortalecimento dos laços com o mundo literário, o aluno, após a leitura de um conto de Rubem Fonseca, elabora um texto em prosa, com predomínio do tom metafórico, buscando um diálogo intertextual com o primeiro.

João Nilson Pereira de Alencar
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
1998

A segunda série “B”

No Colégio de Aplicação tem muitas turmas e dentre elas a segunda série “B”.

Neste ano de dois mil e um, fizemos várias viagens de estudos. Aprendemos e crescemos muito nestas viagens, que não foram poucas. Em cima do que aprendemos e vimos, criamos alguns textos informativos e histórias.

Tivemos muitas inovações neste ano, em todas as disciplinas, procurando não deixar para trás nenhuma data comemorativa e acontecimento na escola, ou melhor, em nossa turma.

Para nós tudo é importante e interessante, não podemos deixar de fazer nossos relatos e comentários. Gostamos muito da segunda série “B”.

Temos como regente a professora Valéria Cecília Moreira.

Aprendemos bastante com ela.

Nós todos estamos satisfeítíssimos com o que aprendemos e crescemos durante este ano.

Nossa turma também faz parte da história do nosso Colégio que está comemorando seus quarenta anos.

Texto coletivo
2ª Série B

Expressando o que sentimos e o que pensamos, da nossa turma do ano de 2001.

Valéria Cecília Moreira
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

Vida de filho único

Vida de filho único é legal, mas também é chato. É legal porque não tem irmão maior para nos obrigar a fazer o que eles querem e não tem irmão menor para cuidar, mas é chato porque não tem com quem brincar.

Vejo bastante vantagens em ser filho único, como, por exemplo: na hora de ganhar presentes, só eu que ganho. Por outro lado não tem ninguém para jogar futebol e outras brincadeiras.

Outra vantagem é que não preciso dividir o quarto com alguém.

Na hora de tomar banho não preciso brigar com algum irmão.

Eu sou filho único, mas tenho muitos amigos.

Vinícius Krepsky Dalmoro
4ª Série B

A partir do poema *Irmão menor*, de Pedro Bandeira, a turma discutiu as vantagens e desvantagens de que gozam o irmão maior, o irmão menor, o irmão “sanduíche” ou o filho único, dentro de uma família. E os alunos criaram um texto, inspirando-se em suas vivências pessoais.

Andréa Lúcia Paiva Padrão
Professor Orientador/ Séries Iniciais
Ensino Fundamental
2001

The landless settlement

We went to Fraiburgo to the landless settlement. The trip took ten hours. On the bus, there was a lot of excitement. We arrived in Fraiburgo at 6:00 p.m.. In Fraiburgo, we walked a lot. Fraiburgo has many mountains and plains. It is very beautiful. We went to the landless farm. They planted cassava, corn, peach, cereals and fruits. We ate tapioca, bread, butter and guava jam. It was good. We had homemade cheese and pine nuts too. When we returned, the bus broke down. The trip back took eight hours. We were tired. Many people were sick.

Bruno Cardoso da Silva
Jeferson Florindo Oliveira
Leonardo Valenza
8ª Série A

Our tour to Fraiburgo

Hi, my name is Filipe, and my name is Renato. We are students of the eighth grade. We went to Fraiburgo. This trip took three days. On Tuesday, we packed our bags. We were tired. Wednesday morning, we went on the bus. We were excited. In the afternoon, we traveled. It was very cool. At night we arrived. We were very happy. On Thursday morning, we had a lecture. We were tired, but it was good. In the afternoon, we visited the plantation. At night we danced at a party. We were cool. Friday morning, we had a lecture. In the afternoon, we traveled back. We were very excited. At night we finally arrived. We were hungry. The tour was very, very cool.

Filipe Luiz Pereira
Renato de Paula dos Santos
8ª Série B

No segundo bimestre, as 8^{as} séries viajaram para Fraiburgo, para um assentamento dos Sem Terra num projeto inter e multidisciplinar. Na busca de integrar as disciplinas com a atividade proposta, nós, do Inglês, elaboramos diferentes projetos. Nesta turma em particular, elaboramos relatórios de viagem ao aprofundarmos o nosso estudo sobre o uso dos verbos no passado: Simple Past Tense. Estes textos foram compostos para serem apresentados numa filmagem que logo seguirá para uma "penpal" turma em Buenos Aires, Argentina. Apresentamos dois textos.

Vera Maria Drews Guimarães
Professor Orientador/ Língua Inglesa
Ensino Fundamental
2001

Medo de dentista

Tudo começou numa manhã que Maria, minha boneca, estava com dor de dente. Peguei garfos para fingir que eram brocas e comecei a operação. Depois de algum tempo: Há! Há! Há! Eu é que fiquei com dor de dente.

Na hora do almoço tentei disfarçar para não ir ao dentista, mas minha bochecha estava inchada e minha mãe perguntou o que era aquilo. Para disfarçar, disse que era só uma dorzinha de dente que já ia passar. Mesmo assim ela não acreditou e disse que aquilo era um caso pro doutor Igor. Ligou imediatamente para ele. Ouvi pelo telefone da sala a conversa onde dizia ele que eu poderia ir visitá-lo naquele mesmo dia. Ele só terminaria de atender um paciente e já iria me atender. Coitada da paciente, devia estar amarrada na cadeira e o dentista com a broca na mão, forçando ela abrir a boca.

Minha mãe foi me arrastando até o laboratório. Chegando lá entrei no elevador, torcendo para que ele desse algum problema. Que ele ficasse parado e não subisse, mas subiu direitinho.

Quando entramos no laboratório senti aquele cheiro esquisito, entrei na sala dele e comecei a ver dentes, dentaduras, aparelhos, etc. Também vi brocas, agulhas e outros aparelhos. Até que cheguei a minha hora, quando ele me agarrou e me botou na cadeira. Pensei em dar um berro, mas não iria adiantar, não tinha saída. Abri a boca e em menos de cinco minutos ele já acabou.

Depois disse para eu escovar sempre os dentes e passar fio dental. Disse também que dentista não é nenhum HORROR!!!

Bárbara Carminatti Giaggi
5ª Série C

Milton Pereira
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Fundamental
2001

Ser humano

Ser humano é saber,
É saber saber pensar,
É poder raciocinar,
É poder rir e chorar.

Tem humano que é feliz,
Tem humano que é legal,
Mas todos têm sua chance,
De escolher o bem e o mau.

O que não é natural,
O humano inventou,
Pois para viver melhor,
O espaço ele mudou.

Na vida do ser humano,
A ciência está presente,
Sempre em busca da verdade,
Confundindo muita gente.

Todo ser é especial,
Pobre, rico ou “scambáu”,
Com algumas exceções,
ACM e Lalau.

Tem humano que só sofre,
Passa a vida sem viver,
Tão na mão de outros humanos,
Que só pensam no seu ser.

Ser humano é isso aí,
Alguns choram, outro ri,
Só tem mais um negocinho,
Que não foi citado aqui:

Não importa se ele é negro,
Se é branco ou qualquer cor,
O que importa é que o humano
Vive em busca do amor.

João Filipe Tonolli Torres Polli
1ª Série B

Produção de texto desenvolvida ao trabalhar o conteúdo Função Poética da Linguagem. A questão “O que é ser humano?”, discutida na aula de Filosofia que antecedeu a aula de Língua Portuguesa, permaneceu no quadro e foi tomada como tema.

Nara Caetano Rodrigues
Professor Orientador/ Língua Portuguesa
Ensino Médio
2001